

3ª Edição

UFRJ Consulting Club Business Review



Novembro, 2023 - Rio de Janeiro, Brasil

Reino Unido x União Europeia

Entenda a situação socioeconômica da Inglaterra após sair da União Europeia

Energia de fusão como alternativa

Conheça a fonte de energia com o potencial de mudar a matriz energética mundial

A falta de inflação como um problema no Japão

Compreenda como a deflação se instaurou no cotidiano da população japonesa



Entrevista com
Leonardo Machado
Sócio da Visagio

Pág.29



Terceira Edição Novembro 2023

Depois de duas edições bem sucedidas e com alta interação dos leitores, é com muito orgulho que voltamos para nossa terceira edição. Dessa vez, ainda mais motivados em trazer uma revista de qualidade sobre assuntos de atualidades, economia e inovações.

Nesta edição, você poderá saber mais sobre pautas atuais e futuras como: as consequências da saída do Reino Unido da União Europeia, a nova rota da seda, a decadência da Nokia, a energia de fusão que aparece como uma nova opção de energia limpa e, por fim, entender o motivo do Japão viver com a falta de inflação e como isso se torna um problema.

Para conectar ainda mais os estudantes e entusiastas da revista, convidamos o sócio da empresa de consultoria Visagio, referência no Brasil e na América Latina, para contar sua trajetória, explicar seu cotidiano e relatar o futuro das empresas com o uso de inteligência artificial.

Esperamos que aproveitem essa experiência de leitura!

Atenciosamente,

Equipe do Business Review do UFRJ
Consulting Club



Índice

04 **O retorno da burocracia:**
3 anos de implementação do Brexit

20 **Energia de fusão:**
Um sonho ainda distante?

09 **Nova rota da seda:**
Iniciativa de expansão chinesa

24 **Japão:**
O lugar onde a falta de inflação é o problema

14 **De protagonista a coadjuvante:**
A decadência da Nokia

29 **Leonardo Machado:**
Entrevista com o cofundador da Visagio

38 **Destaques**
UFRJ Consulting Club



O RETORNO DA BUROCRACIA: 3 ANOS DE IMPLEMENTAÇÃO DO BREXIT



Escrito por Felipe da Rocha

Passados seis anos da votação que trouxe a confirmação da separação do Reino Unido da União Europeia e três da saída oficial, a nação se vê em um momento turbulento ao tentar se adaptar à nova realidade, a qual pode ser resumida em um termo: burocracia.

Em 2016, em meio a campanhas políticas infladas com discursos conservadores e anti-imigração, foi realizado o referendo¹ no qual os britânicos escolheram sair do grupo econômico e político do qual faziam parte desde 1973. Portanto, o argumento da época era focado em retomar a soberania sobre as suas escolhas e o seu território, trazendo um sentimento patriota, que foi o ponto chave em uma votação tão acirrada.

Entretanto, atordoados pelas narrativas nacionalistas, a maioria da sociedade civil britânica pouco questionou os possíveis impactos, principalmente econômicos, da saída do bloco europeu. Nessa perspectiva, após anos acostumados com as facilidades de acesso aos países vizinhos, os britânicos foram otimistas e pouco críticos para perceberem que poderiam perder os principais benefícios que impulsionavam a sua economia. Em um cenário isolado, houve um drástico aumento em questões burocráticas como taxas de importação e exportação, conferindo menor

competitividade aos produtos e empresas britânicas.

Tenho negócios no Reino Unido, e agora?

Com as novas regras de fronteiras, uma parcela significativa dos empresários vem passando por dificuldades ao tentar entender os novos procedimentos e ao elaborar maneiras de manter seu negócio atrativo, a fim de continuar tendo participação no maior bloco econômico mundial, que conta com 447 milhões de cidadãos. Nesse sentido, na época dos debates a favor do Brexit, foi prometido que acordos unilaterais fossem estabelecidos pelo mundo, os quais trariam mais comércio e oportunidades para a expansão econômica da nação. Contudo, essa previsão não se concretizou, sendo a Austrália uma das únicas novas aliadas comerciais, já que a maioria dos demais tratados foram com países que já faziam parte da União Europeia, sem as mesmas vantagens percebidas anteriormente. Portanto, estimativas do próprio governo apontam que haverá uma perda de 4% do PIB em 15 anos sem a participação no bloco.

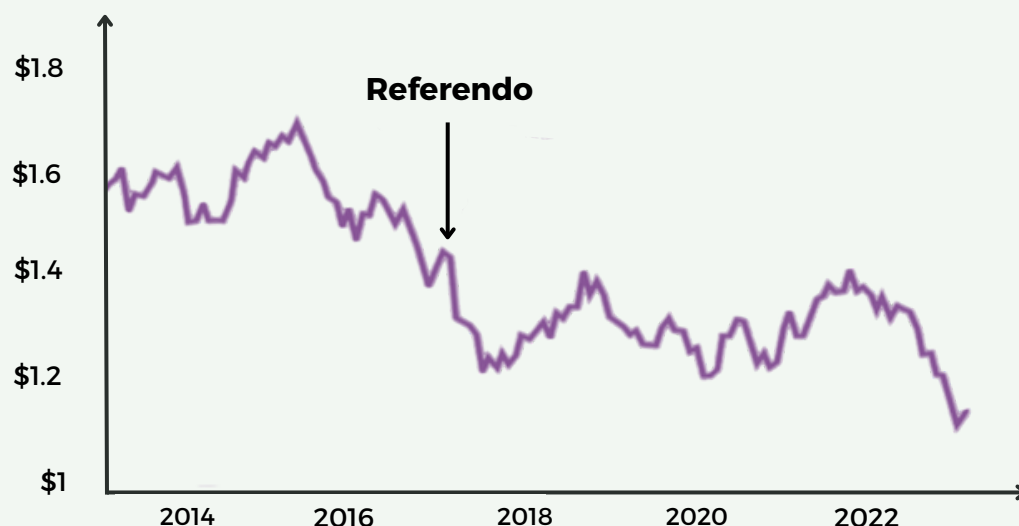
Empresas britânicas exportadoras vêm notando uma dificuldade de se manterem competitivas e em linha com o desempenho anterior à conclusão do Brexit em 2020.

Essas firmas observaram um aumento expressivo no tempo de entrega de produtos e no custo final para os clientes europeus, por conta de taxas como o VAT², que começaram a ser aplicadas para a União Europeia. Trazendo para números, os procedimentos do mercado único permitiam que as entregas fossem realizadas entre 3 e 5 dias, por não haver tempo de espera em inspeções alfandegárias e preenchimento de formulários. Contudo, atualmente, devido aos diferentes trâmites em cada país, a chegada do produto pode variar de 2 semanas até 3 meses.

Esse cenário resulta em uma balança comercial desfavorável para Londres, criando um novo panorama de fuga de empresas e capital, que se instalam em outros países europeus, a fim de continuar usufruindo das facilidades do mercado único. Assim, as forças de desvalorização da libra em relação ao dólar são intensificadas, acarretando uma diminuição do poder de consumo da população. Com uma moeda depreciada, as exportações são favorecidas, o que reduz a oferta de produtos no mercado doméstico. Conseqüentemente, os preços dos itens aumentam para a população, os quais são traduzidos na mais alta inflação (8,7%) do país em 40 anos, bem acima dos seus pares desenvolvidos.

Cotação da libra

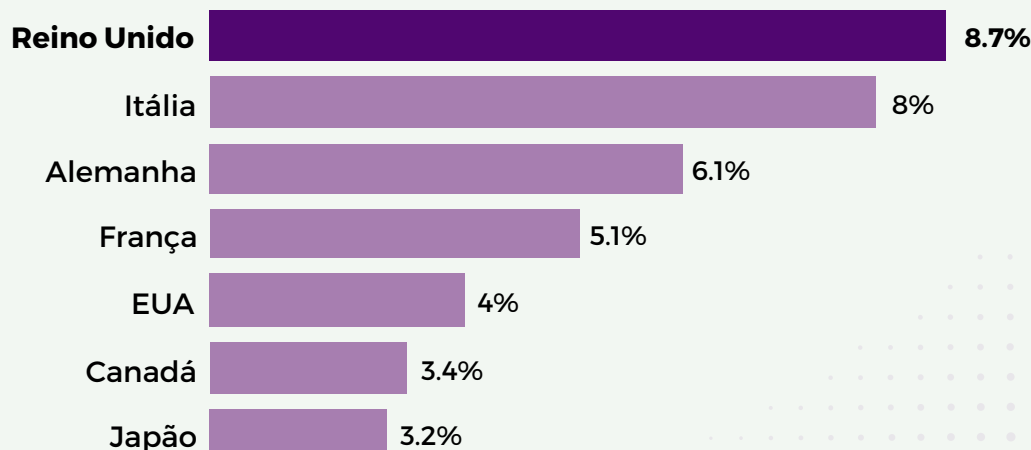
Em relação ao câmbio do dólar



Fonte: Bloomberg

Índice de inflação em 2023

Referente aos países do G7



Fonte: OCDE



Como o capital humano está neste novo contexto?

Uma significativa evasão de mão de obra do Reino Unido para outros países europeus foi vista desde a saída do bloco. De acordo com as consultorias Center for European Reform e UK in a Changing Europe, estima-se que a nação perdeu 330 mil indivíduos no seu mercado laboral, motivados pelo possível aumento das exigências e entraves para a permanência na Terra da Rainha³. Nesse contexto, os empregos com menores remunerações são os que mais sentem a falta de mão de obra, pois, por serem mais braçais, não são muito desejados pela própria população, sendo majoritariamente ocupados por estrangeiros. Com isso, áreas como agricultura, varejo, hospitalidade, construção e transporte têm apresentado dificuldades de encontrar funcionários, com esse último setor apresentando uma redução de 8% em seu quadro de colaboradores.

Em outro prisma, permissões de residência e vistos de trabalhos passaram a ser exigidos dos cidadãos britânicos instalados em nações membros do bloco em alguns casos, mesmo para aqueles já domiciliados há anos nestes. Nesse cenário, estima-se que 2.285 nacionais do Reino Unido foram expulsos de países do antigo bloco e tiveram de retornar ao seu local de nascença desde a saída oficial em 2020.

Os efeitos políticos e econômicos pós-divórcio

As tratativas dos termos do divórcio não foram nada fáceis entre Londres e Bruxelas, sede do parlamento europeu, levando anos para a elaboração de um acordo menos danoso para ambas as partes. Com isso, criou-se um clima instável no cenário político e social britânico, com diversas dúvidas se realmente chegariam a um consenso ou se haveria o "no deal". A alternativa sem acordo representaria a mais instável e imprevisível, pois seria difícil entender como proceder em algumas situações, tanto no quesito trocas comerciais em fronteiras, como no capital humano que passa por elas. Contudo, em 2022, as discussões cessaram e um acordo foi estabelecido, oficializando o fim da era de

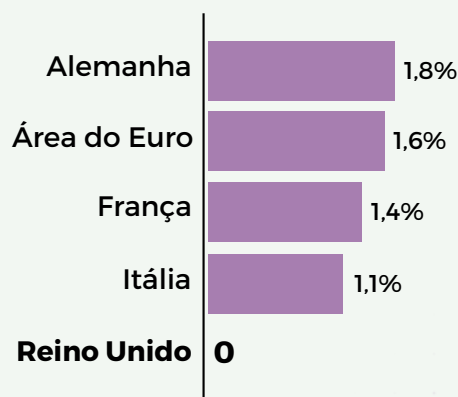
transição e um novo momento de individualidade para a ilha britânica, o qual tem sido marcado por um silêncio dos políticos sobre os efeitos da saída.

Sob o aspecto econômico, a pandemia foi considerada uma justificativa para problemas nessa área, o que seria algo plausível para um momento de crise sanitária global nunca antes visto. Entretanto, dados pós-pandemia demonstram que o Reino Unido foi o país que menos se recuperou entre os membros do G7⁴, indicando certa fragilidade de se reerguer sozinho sem o mercado comum europeu.

Aliado a isso, as medidas econômicas feitas pela primeira ministra Liz Truss, em seus 45 dias de mandato em 2022, como a redução de impostos da população e das empresas, aprofundaram ainda mais a desvalorização da moeda. Isso se explica pela má recepção do mercado financeiro, o qual viu um alto risco fiscal na medida, ao cortar um valor estimado em 45 bilhões de libras dos cofres públicos em cinco anos, trazendo dificuldade do governo em honrar seus compromissos. Essas determinações foram revogadas assim que Liz saiu do cargo, mas seus impactos ainda se mantêm presentes na Terra da Rainha, que neste ano tem previsão de estagnação do PIB.

Projeção anual de mudança no PIB (2023)

Em porcentagem

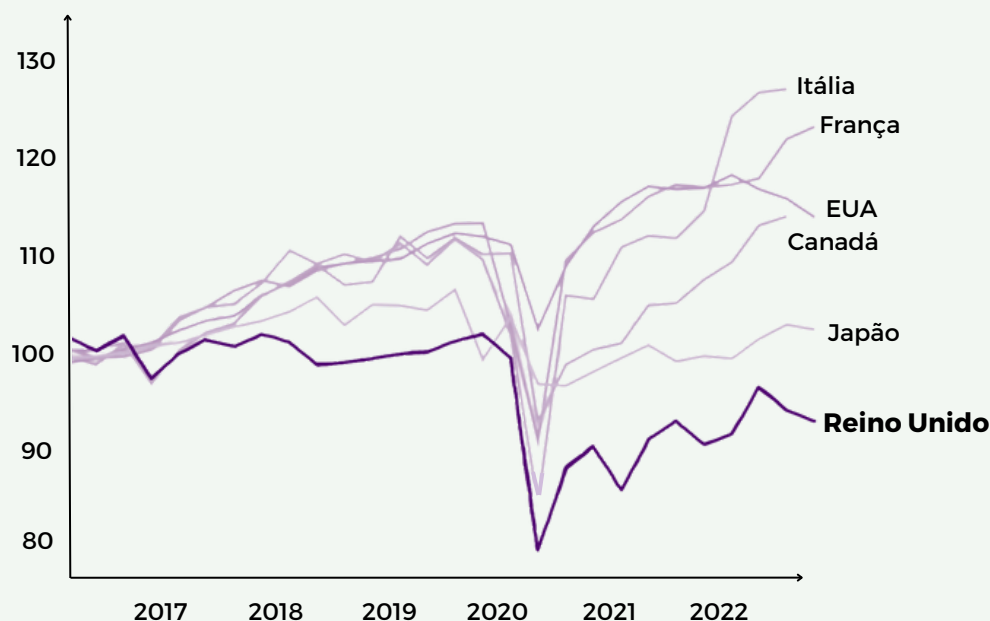


Fonte: Financial Times

No gráfico a seguir, é possível visualizar que, após o referendo, em 2016, houve uma paralisação significativa da quantidade de investimentos.

Comparação de investimentos em países do G7

Em dólares



Fonte: finanzmarktwelt

Reino isolado e, por isso, mais unido?

Internamente, o Reino Unido encontra-se fragmentado ideologicamente, com desejos separatistas escoceses. Nesse sentido, a Escócia, onde a maioria votou contra a saída da União Europeia, tentou realizar uma votação sobre a independência do país em novembro de 2022, a qual foi negada pela suprema corte britânica. As alegações por parte da última instância jurídica passavam pelo argumento de que um referendo já havia sido feito em 2014, no qual 55% da população optou por se manter parte do Reino. O governo pró-independência de Edimburgo afirma que seria de extrema importância dar voz ao povo escocês, sobretudo após uma decisão tão impactante como o Brexit.

Em parte, o descontentamento é amplificado por uma curiosa cláusula acordada no desligamento do bloco, a qual envolve batatas. Isso porque, após a saída, decidiu-se pelo livre comércio de batatas entre Reino Unido e União Europeia, contudo, excluem-se as sementes de tubérculos, um dos principais produtos da pauta de exportação escocesa, sendo um setor com valor de 112 milhões de libras anuais. A medida desagradou os fazendeiros locais, que viram nas novas barreiras alfandegárias um impeditivo para o exercício da sua atividade econômica.





O que se pode esperar para o futuro?

O sentimento de nostalgia das facilidades de um bloco forte pode ser percebido na população, a qual deve perdurar por muitos anos, pois um retorno é inviável no curto e médio prazo, tanto sobre a ótica do parlamento europeu, quanto pela de Londres. A sociedade precisará se adaptar aos novos processos e burocracias de optar por se isolar, enquanto o governo deve aceitar a escolha e fazer o melhor para minimizar os efeitos sobre seus cidadãos.

Atualmente, estima-se que 57% da população britânica acredita que o Brexit foi uma decisão ruim. A verdade é que o Reino Unido, ao sair da UE, fortaleceu ainda mais o bloco, por se tornar um exemplo negativo de instabilidade política e econômica. Países como Holanda e França já tiveram debates sobre uma possível saída, mas esses estão bem reduzidos após a vivência do povo britânico, resta saber se nos próximos anos essas discussões irão reviver ou os países aprenderam a lição. Por fim, será que a Terra do Novo Rei⁵ irá alcançar uma luz no final do túnel e se reerguer?

NOVA ROTA DA SEDA: INICIATIVA DE EXPANSÃO CHINESA



Escrito por Beatriz Salvador

Rotas comerciais são utilizadas desde a antiguidade por civilizações que buscam tanto facilidades econômicas, quanto aumento de sua influência nos territórios passantes. Para a China, uma das maiores potências mundiais, a situação não é diferente. Desde 2013, Xi Jinping, Secretário Geral do Partido Comunista chinês, busca integrar economicamente a Eurásia¹ por meio do reaproveitamento das rotas terrestres e marítimas da milenar Rota da Seda. Essa ousada iniciativa, a qual requer um grande investimento, já demonstra resultados promissores, deixando a pergunta: quais as vantagens que a One Belt One Road pode proporcionar para a China e para os países envolvidos?

A primeira Rota da Seda

Com início em 130 a.C, a rota original foi uma rede comercial multicultural responsável por conectar sociedades desde a Ásia Central até o Oriente Médio, e recebeu esse nome pelo seu principal produto comercializado ser a seda chinesa. Portanto, a rota foi importante porque, além das trocas comerciais, possibilitou a difusão de idiomas, religiões, tradições e inovações, impulsionando, assim, o processo de globalização naquela época. Por tudo isso, a Rota da Seda é vista por

muitos como um sinônimo de cooperação, inclusão, aprendizado e benefício mútuo.

Durante os muitos anos da rota, havia um monopólio chinês sobre a fabricação da seda e, por isso, o país cobrava preços exorbitantes pelo tecido. Diante disso, no século XV, uma reconfiguração geopolítica provocou uma reviravolta no cenário de forças da época. O Império Bizantino Justiniano² conseguiu roubar alguns bichos-da-seda³ chineses, já que não queria mais pagar os altos preços pelo tecido, o que deu início ao declínio da Rota da Seda, que se encerrou de vez em em meados do século XV, totalizando 2500 anos da rota milenar.

Do velho ao novo: a Nova Rota da Seda - One Belt, One Road.

Baseado na rota milenar, o projeto One Belt One Road do Secretário Geral chinês tem fins geopolíticos, que, se atingidos, ampliarão a influência econômica e cultural da China mundialmente. Por isso, é considerada a iniciativa econômica mais ambiciosa da China desde a fundação da República Popular⁴. Mas, quais são de fato os objetivos do governo chinês?

Países pertencentes a Rota da Seda original



Assim como a anterior, a Nova Rota tem como objetivo principal a integração da Eurásia - região rica em recursos naturais e energéticos, além de deter uma posição estratégica no globo -, porém de um jeito moderno. Por meio de investimentos públicos significativos em transporte, infraestrutura e energia, o projeto pretende conectar a China e outros 64 países que somam 30% do PIB mundial e 38,5% da área total global. Dessa forma, surgem dois caminhos: o cinturão e a estrada, que juntos formam o One Belt, One Road.

O cinturão consiste no transporte terrestre e aéreo, que passaria pela China, Europa e Oriente Médio. Já a rota é o transporte marítimo, indo do Mar do Sul da China até o sudeste asiático. Além disso, o governo chinês ainda expõe a possibilidade de expansão para nações africanas, caso haja cooperação e liberação comercial por parte do continente.

A iniciativa ganhou ainda mais força com o fim da Parceria Transatlântica de Comércio e Investimento⁵ em 2016. Com esse término, abriu-se uma oportunidade para a potência asiática buscar relações comerciais mais fortes com os países europeus, que, por terem esse acordo com os norte-americanos anteriormente, possuíam conflitos de interesse.

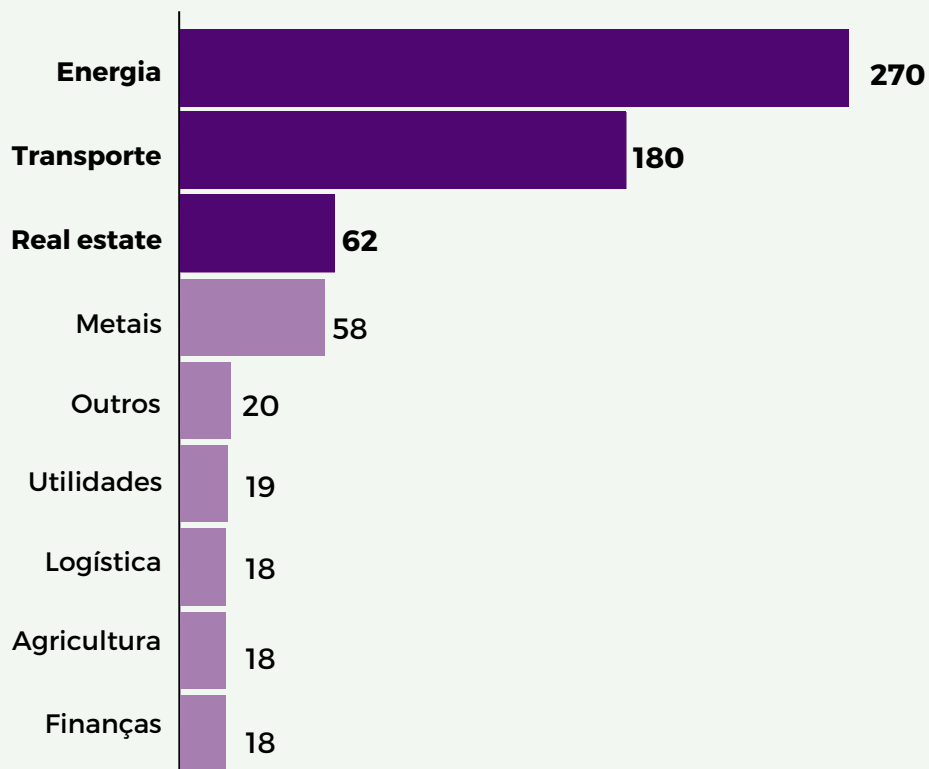
Portanto, para colocar em prática o plano, as negociações entre as nações são firmadas por meio da oferta chinesa de crédito e colaboração para construção de obras, e, em troca, os países em questão devem oferecer liberação do comércio e de investimentos. A China consegue esses acordos por meio da estratégia de win-win, ou seja, todo mundo ganha. Seu discurso consiste no aumento da conexão das nações, do fluxo comercial e de investimentos, melhorando financeiramente os países envolvidos. Como resultado, esse apoio às empresas nacionais permite que elas consigam expandir a influência, atingindo o objetivo chinês de se colocar como epicentro comercial global.

Qual a segmentação do investimento?

Antes de se aprofundar na fonte de todo esse dinheiro, é importante analisar quantitativamente como é feita a segmentação dos inúmeros investimentos. Os setores vistos como essenciais para a One Belt One Road são transporte, infraestrutura e energia, uma vez que a China quer se instalar nos diversos países que compõem a iniciativa.

Investimento chineses em diversos setores no OBOR

Em bilhões de dólares, 2005-2019



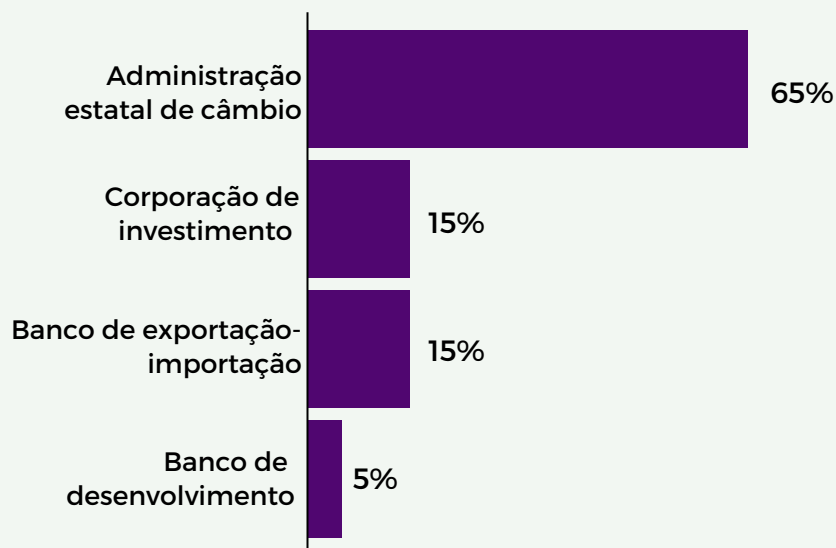
Fonte: AOI

De onde vem o capital?

Para que todos os investimentos sejam realizados, a China criou instituições multilaterais, sendo elas o Banco Asiático de Investimentos e Infraestrutura e o Fundo da Rota da Seda, sendo esse financiado, principalmente, por bancos e organizações estatais.

Fundo da Rota da Seda

Divisão dos fundos por instituição chinesa



Fonte: SILKROADFUND

Apesar dos números exorbitantes, o governo chinês ainda vê como benéfica a iniciativa, por aumentar sua participação em mercados estratégicos e influência global. Conseqüentemente, a sua competição com os Estados Unidos, seu principal concorrente econômico, aumenta, além de elevar a segurança do território chinês com sua nova parceria com seus vizinhos ocidentais.

Até então, os resultados da Nova Rota da Seda têm se mostrado positivos, trazendo inúmeros benefícios para os seus participantes, tanto do ponto de vista financeiro, quanto infraestrutural. Dois exemplos que se destacam nisso são: a construção do porto de Gwadar, no Paquistão, e o canal interoceânico da Nicarágua, que tem como objetivo ligar os oceanos Atlântico e Pacífico. Entretanto, são feitas análises constantes dos investimentos, assim como avaliações de impacto e ajustes para as etapas futuras do plano.

Atrativa para quem?

- **Aproveitamento do “Made in China”:** a China é responsável por grande parte da produção industrial mundial, ao possuir políticas de fomento nas suas ZEE's - zonas de livre comércio⁶ - e nos seus parques industriais. Diante disso, a One Belt One Road também é uma oportunidade do país aproveitar esse aspecto e exportar seus produtos com maior facilidade;
- **Cooperação acima de tudo:** a iniciativa tem como um de seus propósitos a cooperação internacional com benefício mútuo e parceria, algo que é visto como um atrativo muito forte para os países que entram no acordo, principalmente com a criação de novos mercados e zonas de livre comércio;
- **Influência chinesa global:** totalizando 64 países envolvidos, a China conseguirá ampliar sua força geopolítica desde a Ásia até a África e Europa, reforçando seu posicionamento de potência mundial.





Obstáculos da One Belt One Road

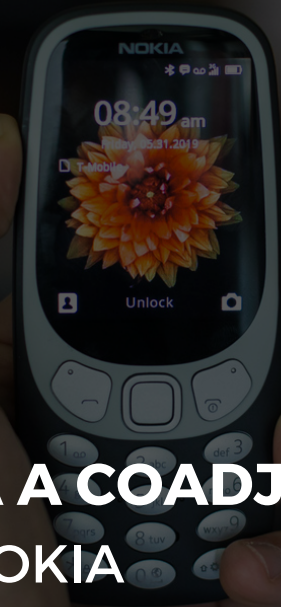
1. A questão paquistanesa: o país se localiza em uma posição estratégica para a China, possuindo o porto com maior movimentação de toda a região. Entretanto, a Índia, por possuir tensões diplomáticas com o Paquistão, principalmente na região da Caxemira⁷, vê o investimento portuário com desaprovação, desconfiando do governo chinês. Além disso, os Estados Unidos estão apoiando os indianos, o que pode ser uma ameaça para a tentativa chinesa de influência nesse local;

2. Diplomacia de dívida: o fato da China estar investindo em inúmeros países subdesenvolvidos está fazendo com que tanto os Estados Unidos, quanto os países europeus vejam isso com desconfiança, interpretando como uma tentativa chinesa de, além de impulsionar sua força econômica, ter ganhos políticos implicitamente. Portanto, dinâmicas de aumento de endividamento e consequente submissão de países africanos são mal vistos, pois aumenta-se a dependência em relação à Pequim;

3. Ameaça às demais potências: com a projeção de aumento da influência chinesa a partir da OBOR⁸, os Estados Unidos se vêem ameaçados, principalmente com o fim da Parceria Transatlântica. Como consequência, os estadunidenses têm feito políticas de contenção da China com movimentos a favor das forças que apresentam conflitos com a nação, como por meio da venda de armas para Taiwan, do auxílio ao Japão na conquista de ilhas e do apoio ao movimento separatista no Tibete.

O futuro do acordo

A Nova Rota da Seda possui, portanto, um enorme potencial de maximizar o domínio geopolítico e financeiro chinês. Entretanto, é evidente que a tentativa do país de evoluir sua condição como potência mundial resulta em inimizades e na necessidade de investimentos exacerbados. Diante disso, a pergunta que fica é: será que viveremos um mundo em que tenhamos que aprender mandarim em vez de inglês?



DE PROTAGONISTA A COADJUVANTE: A DECADÊNCIA DA NOKIA



Escrito por João Pedro Antunes

Conhecida mundialmente pelo “jogo da cobrinha” e pelo “celular tijolão”, a Nokia foi uma das principais empresas responsáveis pela revolução do setor de fabricação de dispositivos móveis, já tendo ocupado a liderança desse mercado. Entretanto, apesar de ter sido referência em inovação e adaptabilidade frente às mudanças tecnológicas no passado, foi justamente a falta desses fatores que levou à decadência dessa famosa fabricante. Dessa maneira, com a entrada no segmento de celulares por parte de gigantes como a Apple, a Samsung e, mais recentemente, a Xiaomi, a Nokia perdeu espaço nesse ramo, sendo, atualmente, um player pouco expressivo. Portanto, torna-se fundamental compreender a fundo os motivos que levaram a companhia, outrora protagonista, a se tornar coadjuvante na produção dos aparelhos que, hoje em dia, são essenciais para as relações humanas.

O começo das operações da companhia remonta a tempos longínquos - meados do século XIX -, antes mesmo da criação do primeiro telefone. Dessa forma, é evidente que a atuação inicial da empresa não estava voltada para a comercialização dos aparelhos móveis. Na verdade, o enfoque era a fabricação de papéis, sendo posteriormente ampliado para a produção de botas de

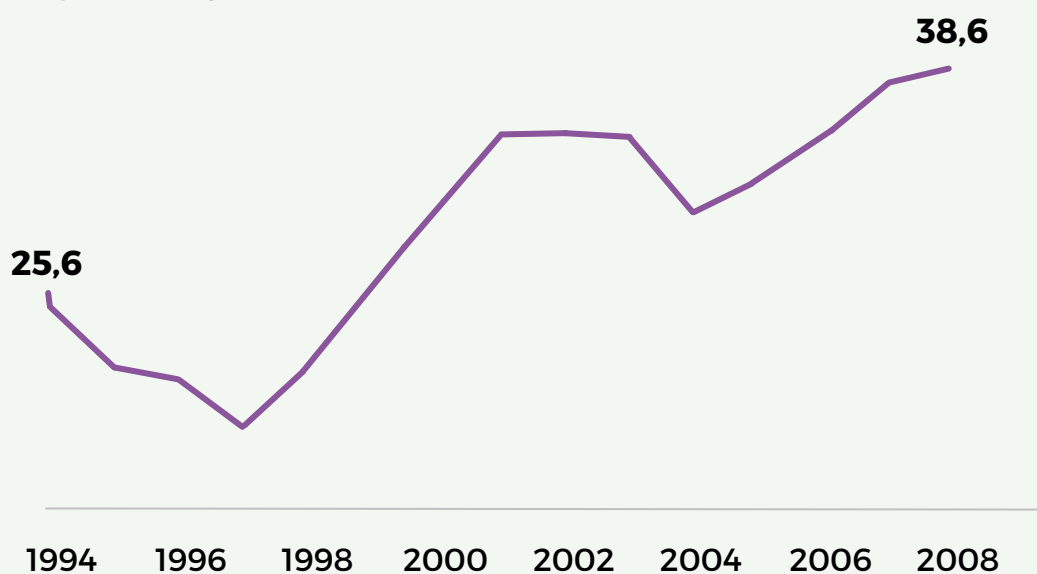
borracha, armários de madeira, além de outros produtos. Somado a isso, com o avanço da eletricidade na Europa, em 1910, a fabricação de cabos elétricos cresceu consideravelmente, surgindo mais uma oportunidade para a Nokia expandir a sua influência para um novo setor, o que a aproximou das tendências de inovação no momento.

Nesse sentido, as operações da empresa como um todo continuaram a crescer ao longo dos anos, até que, em 1960, foi criado o departamento de eletrônica, com o objetivo de estimular a pesquisa sobre radiotransmissão², uma tendência que vinha crescendo na época, o que pode ser considerado o pontapé para o que viria a ser a principal área de atuação da Nokia hoje em dia. Dando continuidade ao processo de modernização, a partir da década de 80, a companhia começou a se desenvolver na indústria de informática, dedicando-se, com sucesso, à produção de computadores, monitores e até mesmo televisores. Com isso, devido aos constantes investimentos em pesquisa, desenvolvimento e inovação, e por meio da parceria com a fabricante de televisores Salora, foi desenvolvido, em 1987, o primeiro telefone portátil da firma, o Mobira Cityman, dando início, de fato, ao que se tornaria o carro-chefe da organização.

A partir da elaboração do seu primeiro celular portátil, a marca cresceu de forma exponencial durante a década de 90. Como exemplo, em 1994, foi lançada a série 2100, cuja previsão de venda era de 400 mil unidades, mas que chegou à casa dos 20 milhões, superando todas as expectativas. Nesse sentido, toda essa fama foi acompanhada por inúmeras inovações, dentre as quais pode-se destacar a criação do primeiro celular com tecnologia GSM³, o Nokia 1011. Além disso, a empresa se mostrou pioneira ao criar o primeiro telefone móvel com acesso à internet, o primeiro aparelho com câmera fotográfica e o primeiro celular operando na rede 3G. Dessa maneira, a firma conseguiu alcançar a liderança no setor, desbancando gigantes da época, como a Motorola e a Sony.

Evolução do market share da Nokia ao longo dos anos

Em porcentagem



Fonte: Statista

Com o início do século XXI, a inovação alcançou patamares ainda maiores. Em 2007, a ascensão do iPhone, produzido pela norte-americana Apple, foi entendido como uma proposta revolucionária, haja vista a concepção dos smartphones como sendo um “computador de bolso”. Além disso, o teclado físico foi embora e a interação com o usuário passou a ser feita pela tela touchscreen, a interface gráfica ficou mais simples sem os menus, e os sensores de câmera ganharam novas funções.

De forma concomitante, a sul-coreana Samsung soube se adaptar às mudanças introduzidas pela Apple, desenvolvendo também diversas novidades tecnológicas, como a resistência à água, os smartphones dobráveis e as fotografias em ambientes escuros, além de ter um preço mais acessível, se comparada com a Apple.

Por fim, mais recentemente, a chinesa Xiaomi vem apresentando um crescimento expressivo no setor. Isso se deve às diversas estratégias bem executadas, como um controle rigoroso de estoque e parcerias externas, em conjunto com um preço competitivo, que também é visto como um diferencial da marca. Atualmente, com apenas 13 anos de operação, a empresa apresenta a terceira maior parcela do mercado, atrás apenas da Apple e da Samsung.

Com isso, o advento dos smartphones deu início à uma nova era no mercado de celulares, sendo a adaptação o ponto-chave dessa nova fase. Assim, as empresas que não adequassem o seu modelo de negócios a essa conjuntura seriam deixadas para trás, como foi o caso da Nokia.

Nesse contexto, no final da década de 2000-2010, a Nokia foi perdendo espaço no setor, enquanto outras companhias com características semelhantes e pouca relevância foram ganhando força. Sendo assim, torna-se fundamental compreender as decisões estratégicas tomadas pela fabricante finlandesa que a fizeram perder relevância no mercado:

Sistemas operacionais ineficientes

“A Nokia fez excelentes telefones, e ainda faz. Eles tiveram uma década incrível de inovação em hardware⁴, mas o que a Apple percebeu foi que você só precisa de um retângulo com um visor, e o resto quem faz é o software⁵.” Essa declaração, feita por Ben Wood - pesquisador da CCS Insight, empresa especialista em análises de mercado -, sintetiza um dos principais erros que levaram ao declínio da marca: o descaso com o software. Isso se deve ao fato da fabricante ter persistido com o sistema operacional⁶ Symbian em seus smartphones até 2011. Apesar de ser leve e adequado para operações limitadas em memória, desenvolver aplicativos para Symbian é mais caro e demorado, se comparado com outros sistemas como o Android e o iOS. Dessa forma, o erro central consistiu na falta de importância que foi dada aos apps, que, até então, não aparentavam ser tão primordiais quanto são atualmente.

Com isso, após 2011, a Nokia passou a operar com o sistema Windows Phone, que, assim como o Symbian, se mostrou um fracasso, haja vista as elevadas exigências de hardware, as quais alavancavam os custos de produção. Com um menor número de vendas, o sistema atraiu menos desenvolvedores, resultando em uma quantidade reduzida de aplicativos disponíveis, se comparada com outros sistemas operacionais, como o Android, que, em 2013, possuía mais de um milhão de aplicativos em seu catálogo, contra aproximadamente 170 mil do Windows Phone.



Lentidão frente aos concorrentes

Tal fato é perceptível devido à demora da fabricante para se desprender de tecnologias ultrapassadas e adentrar nas novas tendências que ganhavam força no cenário vigente. Um exemplo claro disso é o próprio Symbian, que foi abandonado pela Samsung em 2009, enquanto que a Nokia só se desfez do sistema em 2011, dois anos depois da concorrente e quatro após a introdução do iOS no mercado. Ademais, as inovações apresentadas pela fabricante norte-americana também demoraram muito para serem implementadas pela Nokia, como é o caso da tecnologia touchscreen, que inclusive já havia sido pensada pela firma antes mesmo do surgimento do iPhone, em 2004. Entretanto, devido ao receio da descoberta canibalizar⁷ seus produtos comercializados na época, a companhia optou por postergar a divulgação da inovação, permitindo à Apple adquirir o status de pioneira na implementação dessa tecnologia.

Investimento equivocado em tecnologia

A Nokia investiu em torno de 40 bilhões de dólares em pesquisa e desenvolvimento (P&D) na década de 2000-2010, buscando se mostrar competitiva no setor, mas algumas de suas aplicações se mostraram pouco eficazes. Como exemplo, é possível citar a tecnologia PureView, usada no modelo Nokia 808, que melhorava a definição da câmera, porém deixava o aparelho pesado e grande em função das lentes volumosas. Além disso, o Windows Phone também se demonstrou pouco efetivo, como comentado acima, e, por mais que outras empresas também tenham investido nesse sistema, elas o implementaram de forma concomitante com outros, como foi o caso da Samsung, que também investiu no Android e no Bada, de forma a identificar qual seria a opção com o melhor custo-benefício.



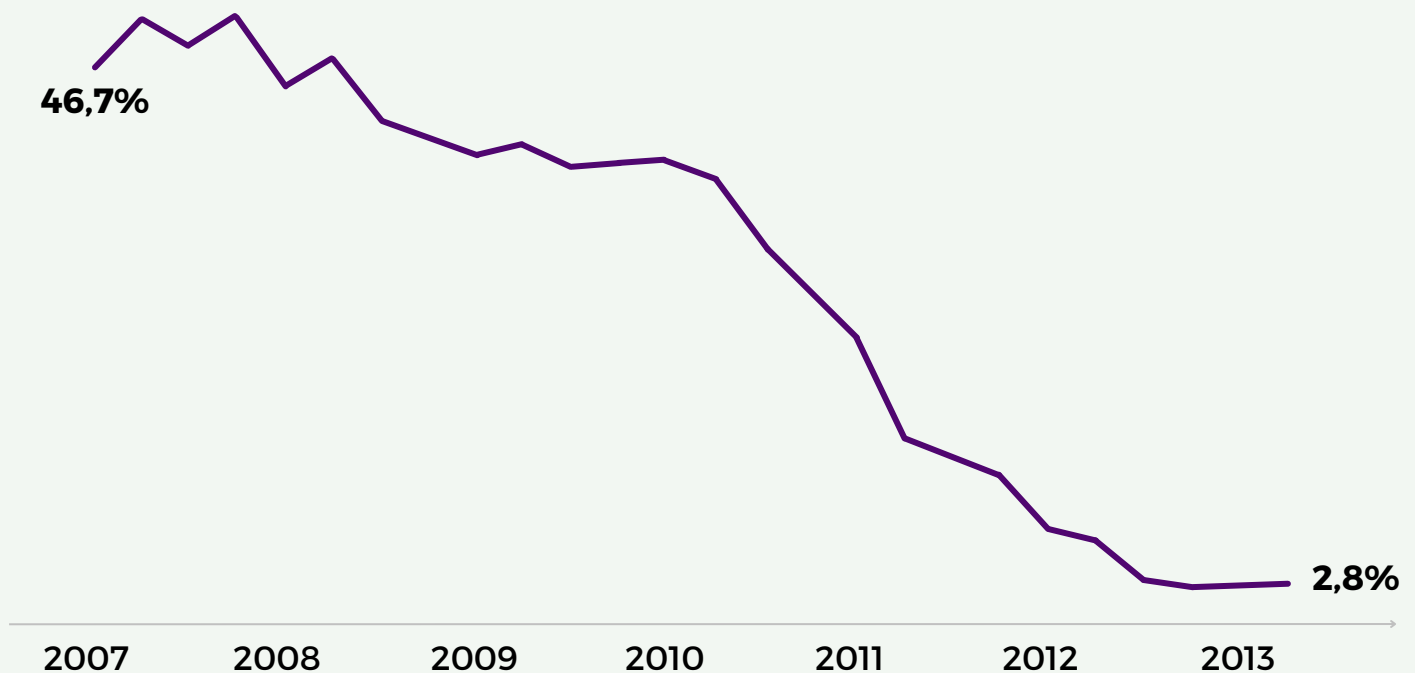
Problema de imagem

Somado a todas as outras dificuldades elencadas, a imagem da companhia se deteriorou aos olhos da população após diversos lançamentos com recepção baixa no mercado. Por enxergarem a Nokia como uma marca ultrapassada, que remonta à época do “celular tijolão” e do “jogo da cobrinha”, muitas pessoas optaram por comprar celulares fabricados por marcas com um viés atrelado à inovação e modernidade. Dessa maneira, torna-se perceptível que as estratégias de rebranding⁸ da firma não foram bem executadas.

Sendo assim, em função dessas decisões estratégicas mal sucedidas, a Nokia viu seu market share despencar com o tempo, alcançando o valor irrisório de 2,8% em 2013, mesmo ano em que foi adquirida pela Microsoft, o que tirou seu status de marca independente.

Market share global detido pela Nokia

De 2007 a 2013, em percentual

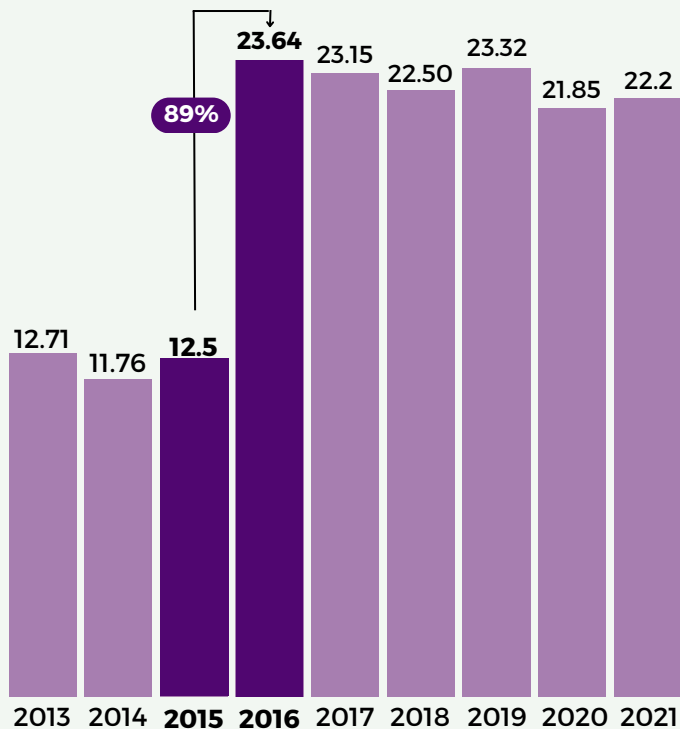


Fonte: Statista

Após aproximadamente dois anos atuando sob o controle da Microsoft, a Nokia foi novamente vendida para a empresa finlandesa HMD Global, formada por ex-funcionários da Nokia. Com isso, agora operando com o sistema Android, os celulares voltaram a ser comercializados internacionalmente e a companhia apresentou um aumento de receita, influenciado também pela fusão com a multinacional de tecnologia Alcatel-Lucent. Nos últimos anos, foi percebida uma tendência de estabilidade, mesmo durante a pandemia de COVID-19.

Receita líquida de vendas - Nokia

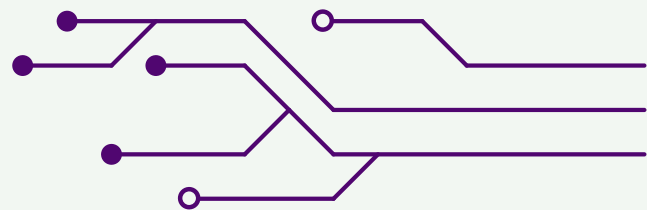
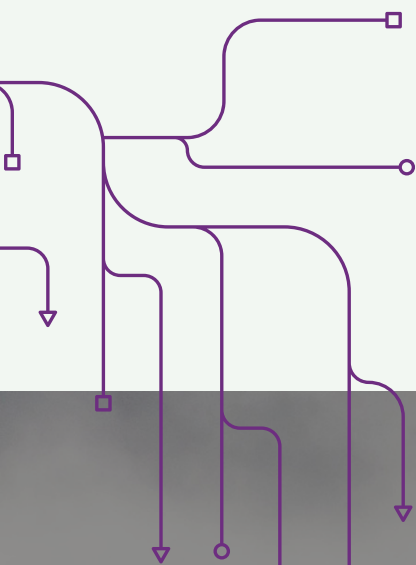
Em bilhões de euros, global



Fonte: Statista

Diante disso, surge o seguinte questionamento: a Nokia conseguirá retomar uma posição de player relevante no mercado de celulares? Para responder essa pergunta, é necessário entender que, além de ser necessário se mostrar versátil e tomar decisões estratégicas coerentes e bem planejadas, a firma necessita construir uma imagem de inovação e modernidade.

É evidente que isso é um enorme desafio, ainda mais com a forte consolidação das gigantes do mercado. Contudo, olhando para o passado, é possível destacar que a marca possui uma habilidade de se reinventar, uma vez que deixou de ser uma empresa de papel, armários de madeira e cabos elétricos para ser a maior fabricante de celulares do mundo na década de 90. Portanto, essa expertise pode ser aplicada nesse novo recomeço, livrando a Nokia do estigma de “celular tijolo” e passando a ser conhecida pelo “celular do futuro”.



ENERGIA DE FUSÃO: UM SONHO AINDA DISTANTE?



Escrito por Rafael Alexandre Batista Afonso

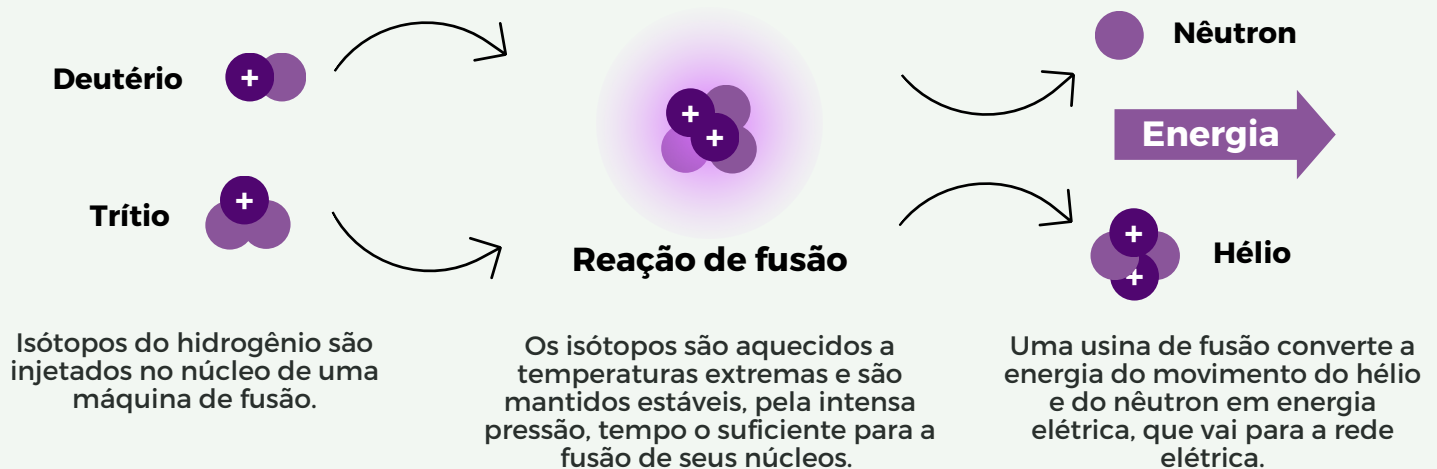
Atualmente, vivemos um momento crucial no mundo, marcado por um cenário de crise energética. Nesse sentido, a alta dos gastos com energia causou um aumento geral do valor final de serviços e produtos, a exemplo da gasolina que impacta diversos mercados, encarecendo o custo de vida e, com isso, o panorama de pobreza é agravado. A raiz dessa realidade vem de uma dependência da matriz energética aos combustíveis fósseis que estão, mais uma vez, passando por um momento de turbulência. Isso ocorre devido à interrupção da exportação de gás russo para a Europa - por conta da Guerra da Ucrânia -, a qual somada aos cortes da oferta de barris de petróleo feitos pela OPEP¹, resulta em um aumento drástico do preço dessas commodities em todo o globo.

Esse constante cenário de incerteza, aliado a uma crise climática, cuja principal causa vem da queima de combustíveis fósseis, gera uma necessidade dos países buscarem por fontes limpas de energia. Com isso, procurando atingir essa demanda do mercado, diversas nações e empresas aumentam os seus investimentos em matrizes não poluentes, como a eólica e a solar. Contudo, as apostas não se limitam aos métodos já existentes. Para isso, são feitas promessas e financiamentos no desenvolvimento de novas alternativas energéticas, dentre as quais se destaca uma que, segundo cientistas, tem um futuro promissor: a energia de fusão.

Entendendo melhor a energia de fusão

A energia de fusão é obtida através de uma interação a nível atômico e, por essa razão, é frequentemente confundida com a energia nuclear, que é mais disseminada popularmente. No entanto, a principal diferença está na forma de interação: enquanto a mais conhecida resulta da fissão², essa nova tecnologia advém da fusão entre núcleos de átomos e, mesmo sendo uma inovação científica, esta se encontra presente desde o começo do universo.

Na reação de fusão mais amplamente estudada, isótopos³ de hidrogênio se combinam para formar hélio, liberando energia que é convertida em eletricidade



Fonte: McKinsey & Company

A inspiração dessa técnica vem da observação astronômica, pois foi descoberto, no século passado, que este é o processo pelo qual as estrelas produzem calor. Tomando o Sol como exemplo de um reator de energia de fusão, ele possui toda a sua matéria em um estado de plasma⁴ - o qual ainda não é totalmente compreendido pelos cientistas. Dessa forma, a partir de altíssimas pressões e temperaturas - uma média de 15M^oC⁶ em nosso astro -, o grau de agitação das moléculas supera a força de repulsão dos núcleos dos átomos e, com isso, começam a fundir-se, liberando energia.

Fazendo ainda uma comparação entre a energia nuclear e a energia de fusão, existem diversos benefícios da nova fonte. Primeiramente, trazendo uma consequência climática, esta, assim como a energia nuclear, não emite gases do efeito estufa, sendo assim considerada uma energia limpa. Outro ponto positivo é que a nova técnica de extração de energia pela fusão, em comparação a realizada por meio da fissão, possui uma maior eficiência. Além disso, o processo em si, diferentemente da mais antiga, não produz resíduo radioativo, sendo este somente uma consequência do superaquecimento da parede do reator. Entretanto, mesmo gerando material tóxico, ele é muito menos problemático, pois, enquanto o primeiro precisa ser isolado por centenas de anos,

este necessita apenas de cerca de 30 anos. Por esses motivos ela ganhou o título de “o santo graal da energia limpa”.

É notório que existem algumas barreiras científicas para a introdução comercial da energia de fusão na matriz energética mundial, como atingir condições de temperatura e pressão que viabilizem o processo de forma eficiente. Entretanto, a mais desafiadora é fazer que ela se torne autossuficiente, ou seja, que não haja a necessidade de inserir energia no sistema.

Em dezembro de 2022, os cientistas do Lawrence Livermore National Laboratory (LLNL), na Califórnia, comemoraram um feito histórico para essa fonte de energia: eles atingiram a primeira ignição, ou seja, mesmo que por pouco mais de 1 bilionésimo de segundo, a energia gerada superou a fornecida e, com isso, houve um saldo energético positivo. No processo, a partir de 2,05 MJ⁷ fornecidos ao plasma pelos potentes lasers, 3,15 MJ foram produzidos, obtendo um saldo de pouco mais de 1MJ. À primeira vista, é possível pensar que este não seria um grande avanço, dado que, em termos energéticos, este valor conseguiria ferver pouco mais de três litros de água. No entanto, marcos como o citado mostram que o desenvolvimento tecnológico caminha na direção correta.

Além dos desafios técnicos, por se tratar de uma tecnologia inovadora e pelo uso de materiais muito caros como o deutério e o trítio⁸, ela também possui um custo muito alto de instalação e manutenção. Apesar disso, pelo seu grande potencial, existe um grande investimento dos países no seu desenvolvimento e, com isso, uma corrida pelo “santo o da energia limpa”.

O mercado atual de fusão

O mercado de energia de fusão está concentrado em laboratórios com financiamento público, por dois motivos em especial. Primeiramente, trata-se de um investimento caro e de elevado risco, à medida que depende de pesquisadores qualificados, combustíveis caros, materiais resistentes às condições extremas dos reatores e tecnologia de ponta, como os ímãs mais avançados atualmente. Por último, existe uma barreira tecnológica muito grande a ser transposta, desincentivando a iniciativa privada de realizar investimentos, dado a baixa probabilidade de retorno.

Contudo, avanços recentes vêm mudando esse panorama. Países como China e EUA possuem iniciativas próprias como o HL-2M, conhecido como o “sol artificial chinês” e o National Ignition Facility (NIF), do LLNL. Nesse sentido, ambas iniciativas apresentam grandes progressos dentro desse setor emergente e vêm quebrando recordes de temperatura de seus reatores - chegando a atingir $150\text{M}^\circ\text{C}$ -, o que é um marco essencial para a geração de energia. Com esses feitos alcançados, a energia de fusão começa a se concretizar, atraindo cada vez mais investidores.



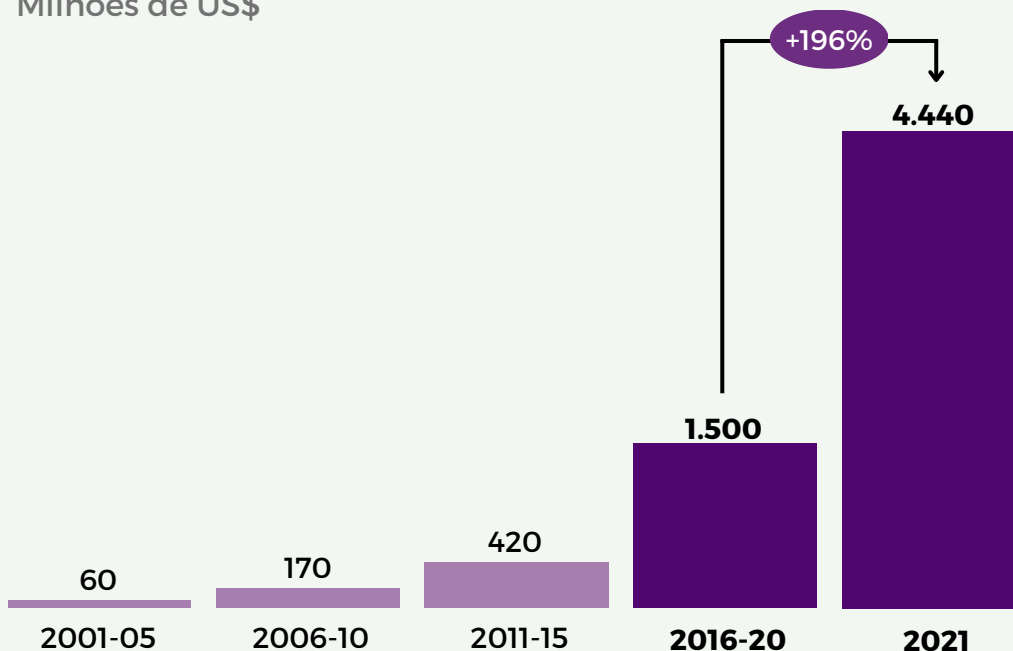
Energia de fusão: um sonho ainda distante?

Em 2021, com 25 companhias privadas buscando entrar no mercado de energia de fusão, o investimento nesse setor praticamente duplicou com relação ao acumulado em todos os anos anteriores. Dentre elas estão grandes empresas que investiram em startups do segmento, como a Alphabet, dona do Google, que, junto com a Chevron, aplicou US\$250M na TAE Technologies, assim como a Amazon, que entrou nesse mercado injetando US\$19,5M na General fusion Inc.. O aumento dos investimentos gerais e a entrada de grandes firmas geram altas expectativas para o futuro dessa fonte de energia.

Com o avanço atual e o aumento do investimento, o fortalecimento de startups começa a aquecer o mercado. Exemplificando o processo, a Helion Energy, fundada em 2013, já somava mais de US\$500M investidos em 2021 - ainda com a possibilidade de mais US\$1,7B a partir do cumprimento de metas - possuindo o valor de mercado de US\$3B. Contudo, esse alto financiamento é justificado, visto que a empresa possui um reator projetado para gerar energia positiva líquida em 2024, o qual ainda têm a expectativa de produzir 50 megawatts, o que seria o suficiente para abastecer 40 mil casas, para a próxima década.

Investimento privado acumulado em energia de fusão

Milhões de US\$



Fonte: McKinsey & Company

O futuro da energia de fusão

No momento presente, os laboratórios trabalham com a fusão de deutério e trítio, contudo, estudos apontam que o hélio-3 possui um maior potencial de geração e menores efeitos radioativos que os elementos atuais. Apesar desses benefícios, ele não é utilizado por ser um elemento muito raro na Terra, sendo, por outro lado, bastante abundante na Lua, a qual apresenta um ambiente ideal para a sua produção por possuir uma atmosfera muito fina. Por essa razão, a China, um dos maiores players do mercado, planeja uma expedição na qual um dos objetivos é a exploração desse recurso. Dessa forma, a fusão nuclear promete ainda reaquecer o mercado espacial para os próximos anos.

Em suma, é evidente que o “santo graal da energia limpa” possui o potencial de revolucionar a matriz energética mundial e guiar a mudança para uma produção menos dependente dos combustíveis fósseis e, portanto, menos poluente. Porém, o panorama atual deixa a seguinte reflexão: **seria a energia de fusão um sonho ainda distante, ou uma realidade próxima?**



JAPÃO:

O LUGAR ONDE A FALTA DE INFLAÇÃO É O PROBLEMA



Escrito por Millena Ribeiro

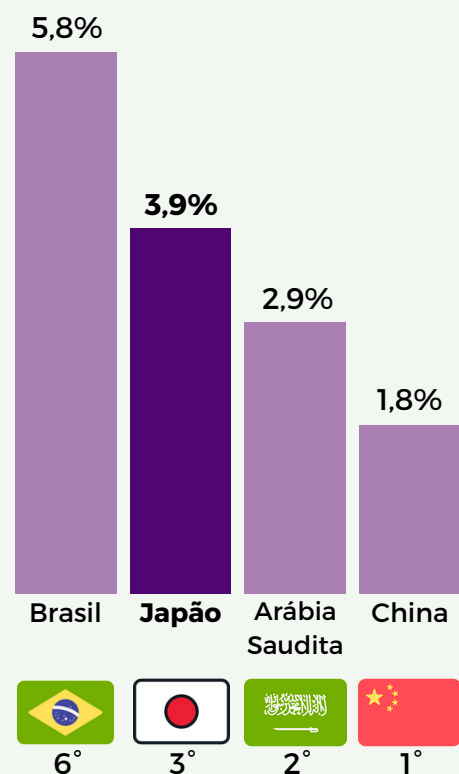
País em ruínas. Recessão econômica. Perda de poder. Era esse o cenário enfrentado pelo Japão ao final da Segunda Guerra Mundial, em 1945. Em meio a esse panorama, as projeções para o futuro econômico da nação eram pessimistas, sendo considerado improvável por muitos a sua recuperação. Contudo, ao longo dos próximos 46 anos, o país asiático investiu em políticas públicas de fomento à economia, priorizando a educação, a tecnologia de ponta e as indústrias avançadas como pilares para a reestruturação da nação. Conhecido como Milagre Econômico Japonês, esse período de 1945 a 1991 ficou marcado na história, sendo responsável por tornar o Japão uma potência mundial, o qual parecia não ter fim. Entretanto, a economia do país encontra-se, desde 1991, estagnada por um motivo que, para a maior parte do globo, seria um fator positivo: a baixíssima taxa de inflação.

Diversos países ao redor do mundo adotam políticas monetárias e fiscais para, justamente, diminuir as taxas de inflação e, assim, manter os fundamentos macroeconômicos organizados. Então, quando observa-se a situação japonesa de forma superficial, acaba sendo contra intuitivo pensar que o fato do país apresentar dificuldades em gerar inflação seja um dos principais motivos para que a sua economia esteja estagnada.

Contudo, quando a inflação alcança uma margem negativa, ocorre o fenômeno da deflação, que é a queda generalizada dos preços de produtos e serviços, o qual se mostra recorrente no Japão.

Japão tem a 3ª menor inflação do G20

Acumulação de 12 meses até dez. 22 (%)



Fonte: Austin Rating



Japão: o lugar onde a falta de inflação é o problema

Desde 1982, a inflação no Japão não havia ultrapassado os 2%, logo, conseguir um valor de 3,9% em 2022 mostra-se um enorme avanço para o país por representar um afastamento da deflação. Portanto, a dúvida que se estabelece é: por que a falta de inflação na Terra do Sol Nascente¹ é um problema? Para entender a situação atual, é necessário compreender como ocorreu a sua desaceleração econômica.

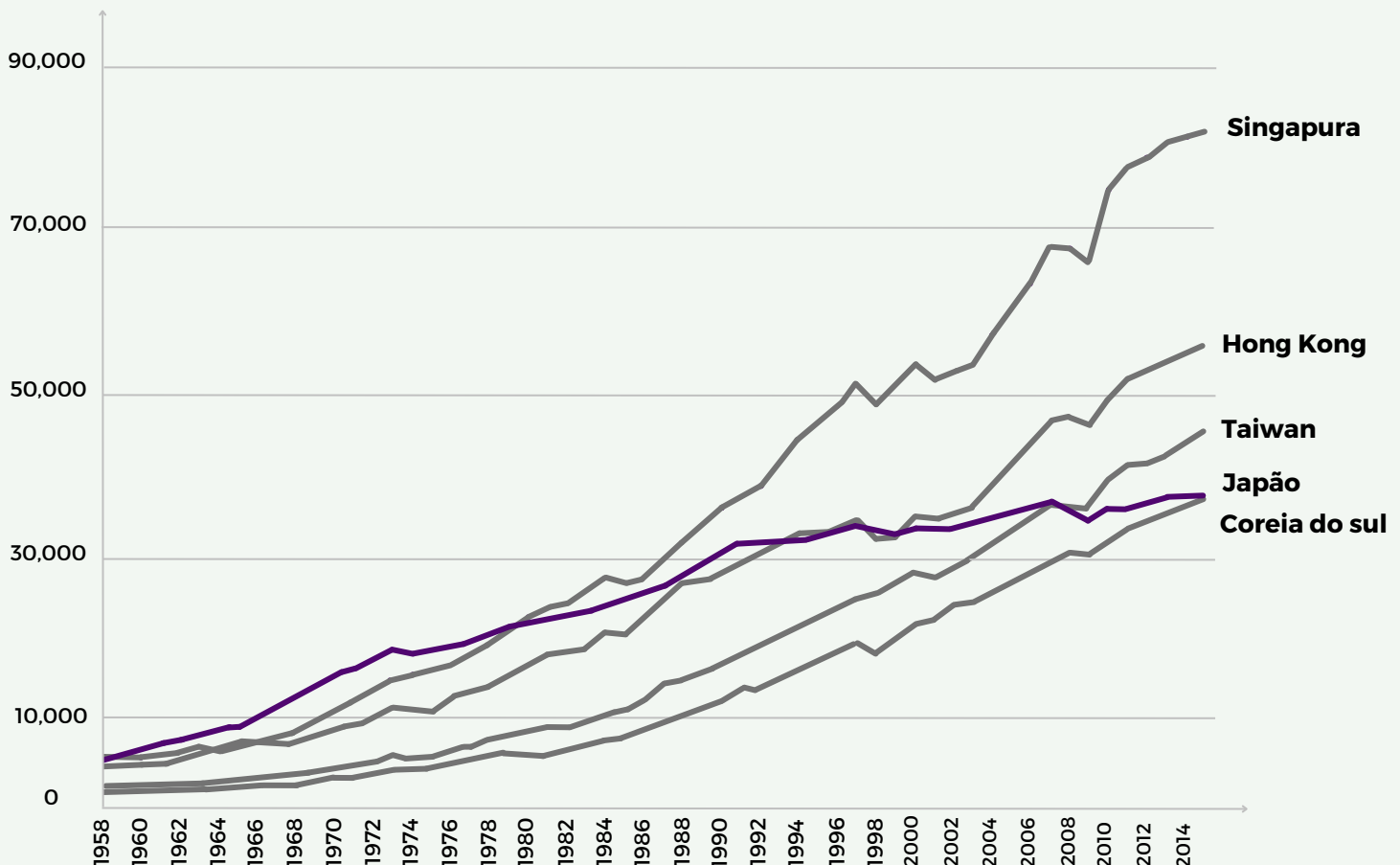
Com o mundo dividido em dois blocos econômicos, os Estados Unidos buscavam o fortalecimento do capitalismo, sendo necessário tornar os países asiáticos parte importante da sua zona de influência. Foi assim que, em 1951, a potência americana criou o Plano Colombo, que tinha como principal objetivo incentivar a reestruturação de países asiáticos a partir de empréstimos. Embora o Japão tenha se posicionado contra os Aliados², ele foi um dos mais beneficiados, pois os estadunidenses almejavam usá-lo

como uma vitrine para o mundo. Dessa forma, a nação conseguiu auxílio econômico para a sua reconstrução e recuperação, tornando-se uma potência e um dos maiores exportadores do mundo.

No decorrer das décadas de 70 e 80, o Japão, já reconstruído do pós-guerra, começou a enviar filiais de suas empresas mais rentáveis para os países que compõem os Tigres Asiáticos - Coreia do Sul, Hong Kong, Singapura e Taiwan. Fazendo isso, a potência asiática conseguiu alcançar um novo mercado consumidor e passou a produzir seus produtos de forma mais barata. Todavia, por conta do Plano Colombo e desse investimento japonês, tais países passaram por um rápido e intenso processo de industrialização, obtendo um crescimento econômico acelerado. Nesse sentido, os Tigres Asiáticos tornaram-se grandes players do mercado, afetando diretamente a competitividade japonesa.

PIB real per capita, PPC

Em dólares



Fonte: Visual Capitalist



Japão: o lugar onde a falta de inflação é o problema

Somado à competição no setor industrial e a redução do número de exportações, houve uma mudança drástica na cotação das moedas dos países. No ano de 1985, foi assinado entre as maiores economias do mundo o Acordo de Plaza, que decidiu pela desvalorização do dólar, pois estava desestabilizando o comércio internacional por estar altamente apreciado. Para alcançar esse objetivo, o Banco Central de cada país vendeu parte de suas reservas de dólares e adquiriu outras moedas, aumentando a oferta de dólar no mercado mundial.

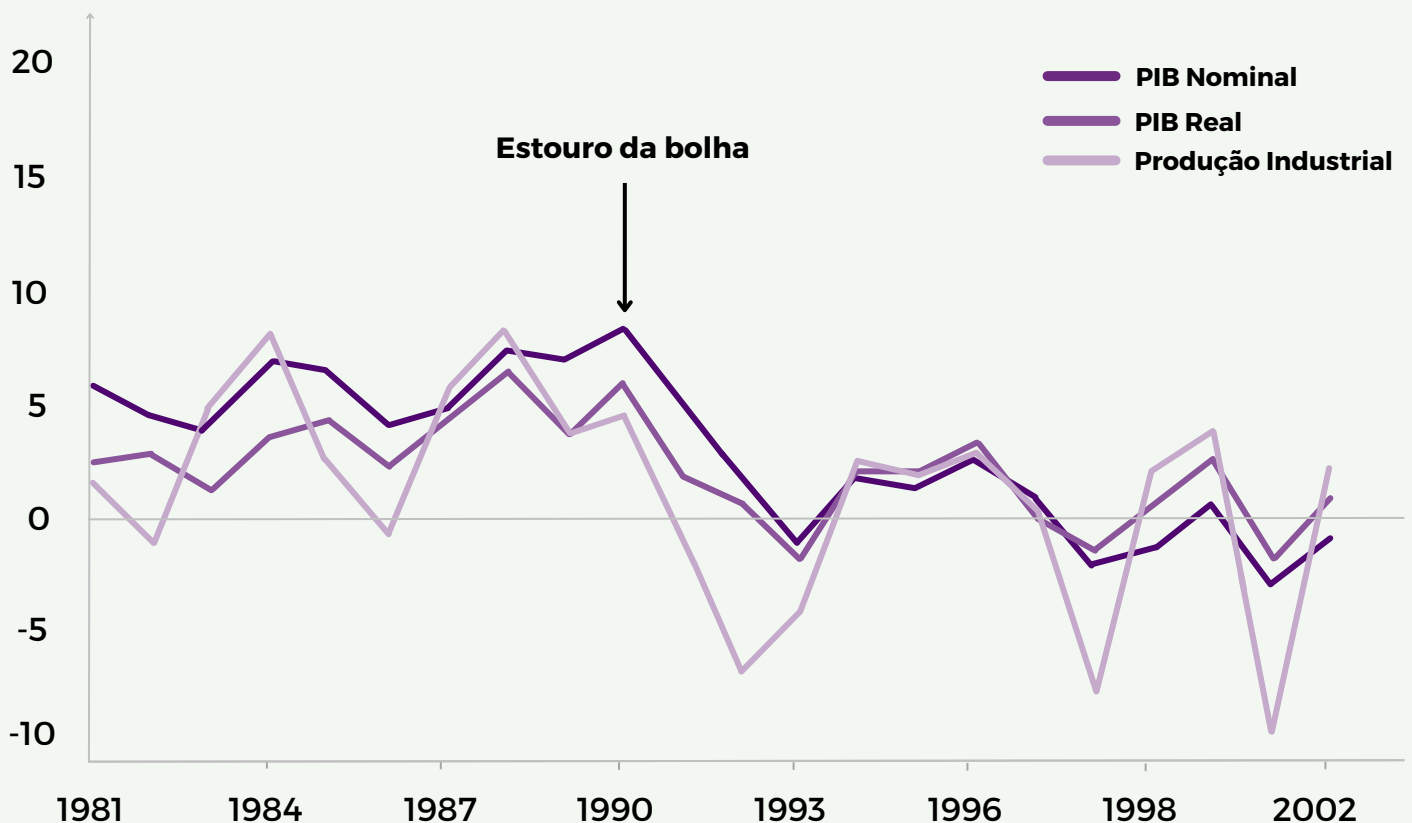
O plano foi um sucesso: o dólar desvalorizou-se, tornando os produtos estadunidenses mais baratos. No entanto, o Japão saiu prejudicado. Com essa mudança, a moeda japonesa, o iene, sofreu uma valorização de 46% em relação ao dólar, o que diminuiu ainda mais a sua competitividade, já que os produtos nipônicos³ ficaram caros internacionalmente. Com a finalidade de impulsionar a economia, o Banco Central do Japão, em 1987, diminuiu pela metade a taxa de juros, fixando um valor de 2,5%, para que fosse reduzido o custo dos

empréstimos. Como consequência disso, o crédito tornou-se abundante, resultando em uma das maiores bolhas econômicas⁴ da história pela alta especulação. A fim de frear a inflação crescente provocada pela bolha, o Banco Central do Japão elevou, em 1990, a taxa de juros de 2,5% para 6%, o que acarretou na diminuição da circulação de dinheiro na economia. Foi esse o estopim para o estouro da bolha, que causou a recessão no país.

O mercado imobiliário e acionário apresentaram uma queda de mais de 70% e as perdas totais foram estimadas em 7 trilhões de dólares. A partir dessa desaceleração econômica, os salários de diversos trabalhadores diminuíram, o que ocasionou um menor consumo da população. Entretanto, apesar da demanda ter diminuído, a oferta de produtos permaneceu a mesma de antes, pois as companhias já os haviam confeccionado. Portanto, pela lei da oferta e da procura⁵, os preços diminuíram drasticamente, ocasionando uma deflação na economia japonesa.

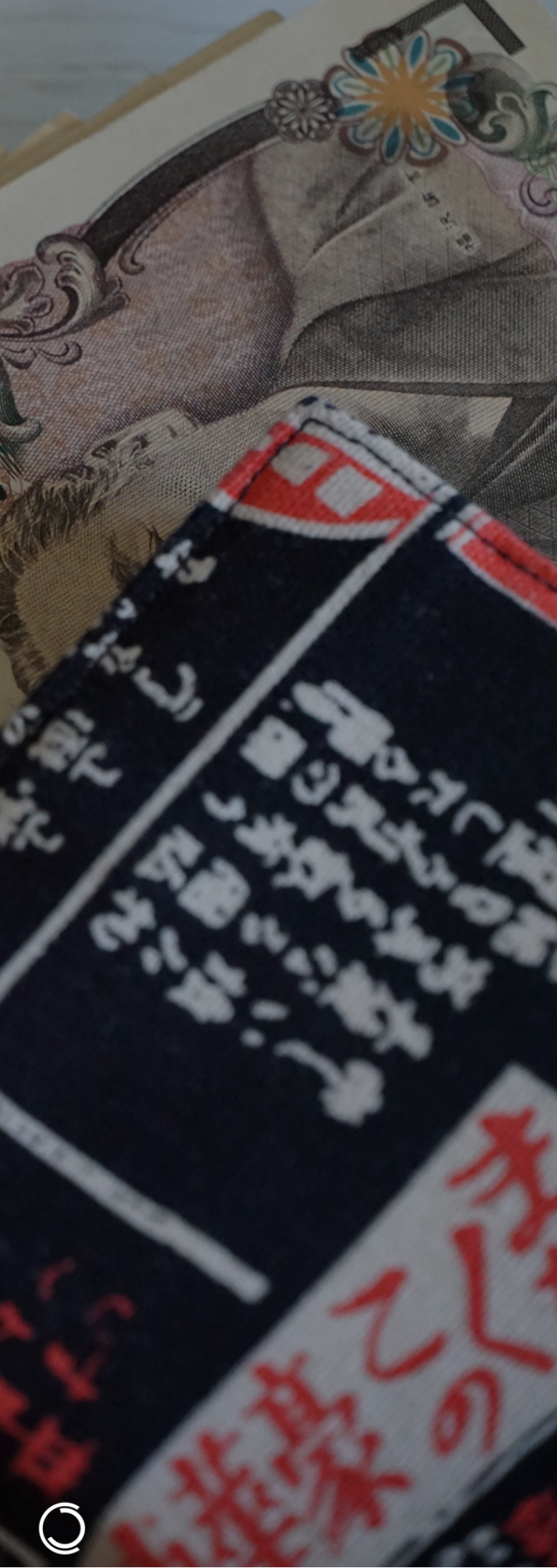
Taxa de crescimento econômico do Japão

Em percentual



Fonte: grips.ac.jp





A queda nos preços provocou um problema nomeado de deflação da dívida. Antes do estouro da bolha, as empresas, pensando em um cenário econômico ideal, haviam feito dívidas com a certeza de que pagariam seus gastos com o lucro gerado em suas vendas. Contudo, devido à deflação, o poder de compra da moeda japonesa aumentou, gerando um aumento do valor real das dívidas ao longo dos anos e, simultaneamente, o poder aquisitivo da população foi reduzido, o que diminuiu o lucro das operações das companhias. Em meio a esse cenário desafiador, as firmas começaram a falir, piorando, assim, o cenário econômico e intensificando a deflação.

Para estimular o consumo e a recuperação da economia, o Governo japonês passou a adotar medidas não convencionais, sendo elas:

Quantitative Easing

Esse método consiste na emissão de dinheiro pelo Banco Central para monetizar títulos de dívidas de longo prazo, com a finalidade de reduzir as taxas de juros de longo prazo. Essa redução força os bancos a realizarem empréstimos mais baratos, incentivando, assim, os investidores a comprarem ações de companhias japonesas. Essas, por sua vez, conseguiriam um maior acesso à financiamentos e, com isso, teriam condições melhores para se recuperarem. Portanto, o Governo japonês, ao colocar o método em prática, em 2001, aumentou o número de empregados no país e, conseqüentemente, elevou a taxa de inflação.

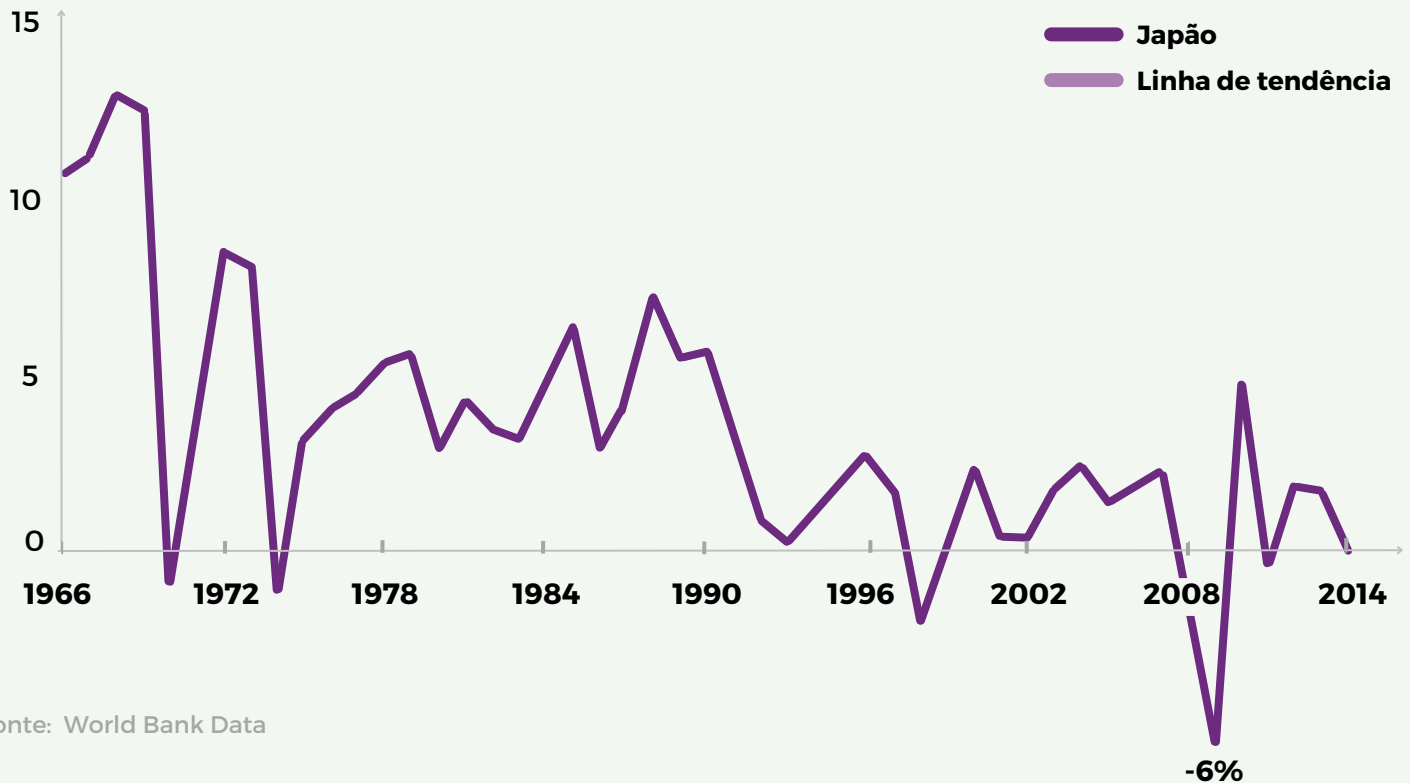
Too Big To Fail

O Governo japonês acreditava no conceito Too Big To Fail, que, em tradução literal, significa “grande demais para falir”. Existem empresas que estão tão atreladas com a economia de um país que, se elas declararem falência, podem causar um colapso generalizado e, por isso, precisam ser salvas a todo custo. Então, para prevenir esse colapso, foram gastos trilhões de ienes dos cofres públicos para salvar diversos bancos, provendo crédito barato e grandes estímulos fiscais.

Essas medidas permitiram que o Japão conseguisse aumentar, de forma gradativa, a taxa de inflação da economia. Contudo, todo o progresso feito pela nação asiática sofreu um enorme impacto com a crise financeira global provocada pela falência do banco estadunidense Lehman Brothers, em 2008. A deflação tornou-se uma realidade vívida novamente.

Crescimento econômico do Japão

Crescimento anual, em %



Fonte: World Bank Data

Somado à crise de 2008, a taxa de natalidade do Japão decresceu rapidamente, enquanto que a expectativa de vida aumentou consideravelmente. A convergência desses fatores contribuiu para a redução da População Economicamente Ativa (PEA), que é responsável pela mão de obra do país.

Devido à redução da PEA, o mercado interno do país sofre uma diminuição, o que impacta diretamente a sua economia. Desse modo, uma das alternativas possíveis para reverter esse fenômeno é o incentivo à imigração, pois equilibraria essa diferença populacional. Entretanto, a cultura fechada do Japão impede a chegada e a permanência de

imigrantes na sociedade, perpetuando, assim, um grave problema populacional. Nesse sentido, por ter menos pessoas consumindo produtos e/ou serviços, o PIB e a inflação são, de maneira geral, reduzidos, voltando, mais uma vez, para um momento de deflação.

Analisando a história e o cenário atual do Japão, o futuro é incerto. Pelas projeções feitas pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), o envelhecimento no país asiático causará, nas próximas 3 décadas, uma redução de 1% ao ano em seu crescimento econômico. Portanto, a desaceleração econômica e, principalmente, a deflação serão as regras que guiarão a economia japonesa pelos próximos anos.

Entrevista com Leonardo Machado

Cofundador da Visagio



Leonardo Machado é um engenheiro de produção formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e um dos co-fundadores da Visagio, uma consultoria global altamente especializada em gestão e tecnologia. Com mais de duas décadas de experiência profissional, Leonardo possui um conhecimento abrangente sobre Inteligência Artificial (IA). Além disso, com o objetivo de aprimorar suas habilidades na tomada de decisões estratégicas, ele passou pelo prestigioso programa Owner/President Management (OPM) da Harvard Business School (HBS), que visa capacitar líderes a desenvolver suas competências de gestão para fortalecer suas organizações. Atualmente, Leonardo é amplamente reconhecido por sua expertise em liderança no mundo empresarial.

Qual foi o impacto da UFRJ na sua vida acadêmica e profissional?

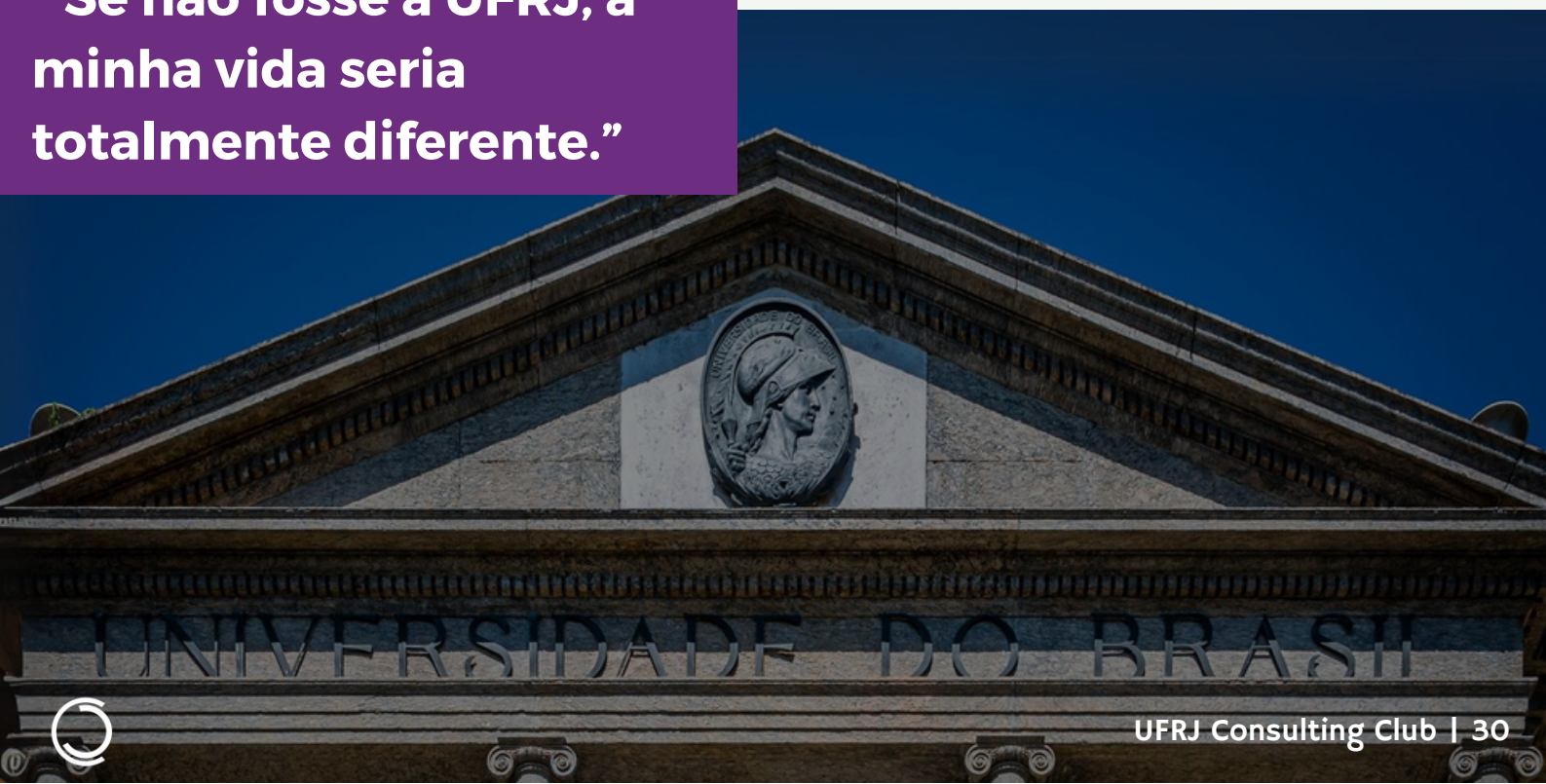
Desde criança eu sonhava em ser engenheiro, isso porque sempre nutri uma grande paixão pela tecnologia. Porém, antes de entrar no ensino superior, eu estava indeciso sobre qual curso fazer. Na época, eu estava cogitando realizar a minha graduação em física ao invés de engenharia porque era uma área que gostava bastante. No final das contas, optei pela engenharia de produção porque eu gostava de conceitos de otimização. A flexibilidade e a diversificação dos caminhos que eu poderia seguir também foram importantes na minha tomada de decisão. Então, em 1998, tive o privilégio de estudar em uma universidade federal.

Se não fosse a UFRJ, a minha vida seria totalmente diferente. Foi lá que conheci os meus sócios e adquiri os conhecimentos necessários para estruturar a Visagio. A excelência das pessoas e do ensino da faculdade foram cruciais para todo esse processo. Infelizmente, a universidade ainda apresenta alguns desafios em suas instalações e na quantidade de material disponível, mas eu acho o capital humano da UFRJ fantástico.

Desde o começo do curso, busquei aproveitar as oportunidades que o meio acadêmico proporciona. Então, no meu 3º período, eu participei de uma iniciação científica e, a partir disso, tentei trabalhar com tudo o que podia. Assim, no meu 5º período eu já havia conseguido o meu primeiro estágio, que foi em uma boutique de supply chain e logística na Coppead-UFRJ. Foi nesse momento que tive a experiência de trabalhar com aqueles que viriam a ser os meus sócios. Após dois anos trabalhando juntos nessa empresa, decidimos seguir um caminho diferente: queríamos construir uma empresa diferente, com uma cultura diferente.

Nós já tínhamos tido experiências com diversas empresas do mercado, como as privadas, as públicas, as estatais e as multinacionais. Entretanto, chegamos a conclusão de que não queríamos estar em nenhuma delas por causa dos valores, das perspectivas e da forma de trabalhar. Tínhamos uma grande paixão pela experiência técnica e, também, pela implementação do que estávamos desenhando como solução. Foi nesse contexto que surgiu a Visagio.

“ Se não fosse a UFRJ, a minha vida seria totalmente diferente.”



Como foi o surgimento e o início da Visagio?

A Visagio surgiu quando ainda éramos muito jovens. Eu e mais dois dos meus sócios estávamos no 8º período, enquanto os outros dois estavam quase se graduando. Nessa época, já havíamos pedido demissão do nosso estágio na Coppead para tentar fazer o que achávamos que seríamos capazes de fazer.

Começamos do zero, não tínhamos nada. A parte mais difícil desse início de companhia era a ausência de um portfólio de clientes, isso porque a confiança e a credibilidade são muito importantes para fechar um contrato de projeto com qualquer empresa. Então, como era extremamente necessário termos experiência no mercado e, assim, construir uma boa reputação, fechamos os nossos primeiros projetos apenas com valores simbólicos. Depois de diversas negativas, conseguimos as nossas primeiras oportunidades no mercado, já que havíamos encontrado pessoas que realmente acreditavam que seríamos capazes de fazer alguma coisa. Foi o primeiro voto de confiança que recebemos.

Após esse incentivo inicial, o crescimento da Visagio se deu de maneira gradual. No primeiro ano de atuação da empresa, fizemos três pequenos projetos - o que, mesmo sendo um número pequeno, já era um avanço. Ao final desse primeiro ano de atuação, vimos uma grande oportunidade de crescimento na Incubadora de Empresas, um programa oferecido pelo parque tecnológico da UFRJ desde 1994. Então, aplicamos para o edital e conseguimos ser aprovados, sendo nomeada a primeira empresa de consultoria de gestão a ser aceita pela incubadora de empresas do parque tecnológico. O ambiente da UFRJ foi essencial para o crescimento da nossa consultoria, tivemos o apoio do corpo docente da engenharia de produção e de outras pessoas que acreditaram e acreditam muito nos projetos dos ex-alunos.





Pouco tempo depois, começamos a fazer o nosso primeiro processo seletivo e, assim, contratamos a nossa primeira turma de estagiários. Iniciamos com apenas três estagiárias, e, conforme a empresa demonstrava uma maturação, conseguimos recrutar uma equipe maior. Foi dessa maneira que a atração de pessoas talentosas para ajudar a construir a cultura da Visagio começou. O respaldo que os professores e a Incubadora de Empresas nos deram foi muito importante para conseguirmos uma maior projeção e penetração no mercado. Foi a partir disso que conquistamos um grande projeto internacional: a UEFA Champions League.

O projeto com a UEFA consistia em elaborar um software de otimização para o campeonato europeu. Basicamente, todos os campeonatos da Europa precisam de um software por trás para maximizar a receita de marketing e garantir que todas as restrições logísticas sejam atendidas. Conseguimos esse grande projeto devido a uma relação que construímos na Itália: dois dos nossos sócios fizeram dupla-diplomação e mestrado na Politecnico di Torino - a UFRJ mais uma vez exercendo um papel importante na formação da Visagio. O projeto do software foi um sucesso e, dessa forma, conseguimos um enorme destaque. Na época, em 2004, chegamos a aparecer no Fantástico!

“A gente escolhe com quem queremos fazer. Depois a gente decide o que vamos fazer juntos.”

O mais incrível é que, apesar de quase 20 anos terem se passado, a UEFA usa o nosso software até hoje, ou seja, eles são nossos clientes até os dias atuais.

Conquistada a marca de mais de 500 funcionários, a nossa consultoria começou a se transformar em uma plataforma de negócios: entendemos que a Visagio era um mecanismo pelo qual as pessoas - gente boa e do bem - fazem coisas extraordinárias. Atualmente, temos muitas parcerias com fundos de investimentos, estamos com 16 empresas investidas - entramos com gestão, capital e outras coisas. Investimos em tudo o que vocês possam imaginar.

Em 2023, a Visagio está com quase 1000 funcionários e já possui 20 anos de existência. Além disso, temos vários escritórios espalhados pelo mundo, se estendendo para mais de 25 países, como Brasil, Inglaterra, Rússia e Austrália. Inclusive, morei 4 anos na Austrália para conseguir construir esse grande escritório lá - temos, atualmente, 115 pessoas trabalhando nele.

A Visagio foi considerada recentemente a melhor empresa para se trabalhar. Nesse sentido, qual o diferencial da Visagio para promover esse ambiente e como a cultura e valores da empresa influenciam nesses resultados?

A cultura é, com certeza, a razão pela qual a gente conseguiu atingir esses resultados. Nós conseguimos, por diversos anos, ter o reconhecimento do Great Place To Work (GPTW) estando no seu ranking e tendo diversas pontuações significativas, como o primeiro lugar que conquistamos na última edição, em 2022. Temos uma cultura extremamente forte desde o início da empresa, quando não tínhamos nada além das pessoas. Pessoas essas muito unidas e que acreditavam muito no mesmo sonho.

Quais análises você considera importantes para realizar os projetos de transformação digital nas empresas e quais são geralmente os pontos focais?

Falando sobre transformação digital, devemos começar olhando para a estratégia da empresa. A gente acredita que digital e tecnologia são componentes da estratégia, tendo que estar bem alinhados com os objetivos da empresa, ou seja, onde ela quer chegar, quais são suas visões e quais são seus diferenciais. Esse é um ponto no qual diversas empresas falham, pois não sabem qual é o papel da tecnologia no seu modelo de negócio. Ela tem que estar nos processos para suportar as tomadas de decisão críticas da empresa, além de otimizar os processos e, principalmente, aumentar a satisfação do cliente final.

Quando a gente fala de transformação digital, normalmente ela vai estar linkada a uma vertente de melhoria do negócio ou transformação geral. Um exemplo seria uma empresa de telefonia que queira otimizar o processo de atendimento ao cliente, mesclando velocidade e qualidade. Ao analisar os gaps² de melhoria do processo, pode ser possível identificar algum outro serviço que seja necessário para o cliente, indo além da telefonia. Com isso, é possível criar serviços agregados, alavancando em cima desse ativo digital que vem da informação adquirida sobre o cliente - é importante que a transformação digital esteja sendo patrocinada pela C-level (principais líderes da empresa).



“Não somos uma consultoria, preferimos o termo fazedoria”

Como foi para você lidar com essa variedade de escopos de projetos?

Essa grande variedade de escopos de projetos acaba sendo um grande atrativo, principalmente no começo quando as pessoas vêm para trabalhar em consultoria. São projetos e desafios diferentes a todo o momento, o que é bastante enriquecedor, pois traz um aprendizado muito grande.

Dentro da Visagio, o principal diferencial é que temos um viés muito grande de empreendedorismo. No fundo nós nem gostamos de ser chamados de consultoria, preferimos ser chamados de fazedoria. Isso porque, dentro do nosso ecossistema, temos diversos ramos construídos por visagianos, onde é possível estar atuando, como spin-offs³, startups e empresas investidas, criando, assim, uma grande diversidade de caminhos.

“Gestão de pessoas é gerar impacto positivo nas pessoas que estão ao seu redor”

Qual você diria que é o maior desafio em gerenciar pessoas?

Normalmente, você vê no mercado uma visão hierárquica das relações internas, mas nós temos outra visão. O visagiano pensa a todo o tempo: como eu gero impacto nas pessoas, fazendo com que elas cresçam, se desenvolvam e estejam bem? Acreditamos muito nessa visão horizontal e, por isso, não possuímos cargos dentro da empresa - não temos cargo de gerentes, por exemplo. Tudo que temos são pessoas com responsabilidades e atribuições, sem essa visão hierárquica de se sobrepôr às outras pessoas.

Falando de futuro, quais os próximos passos da Visagio e o que você espera para ela nos próximos 5 anos?

A gente quer ter pessoas ao nosso lado, gente boa e do bem que preza pela excelência e transformação real do mundo. A gente vai estar se adaptando à nova realidade do mundo - que está mudando muito rápido.

Quando a Visagio foi fundada, eu não sabia como ela estaria dali a 5 anos, assim como não sei como ela estará daqui a 5 anos. O que eu sei é que teremos um modelo muito focado em pessoas, além de um ecossistema de negócios.



Você acredita que a Inteligência Artificial será capaz de mudar a dinâmica interna das empresas brasileiras?

Eu acredito fortemente que sim! IA tem um potencial gigante de transformar a forma como as empresas trabalham. Estamos vivendo uma euforia por conta do Chat GPT, sendo a ferramenta com a maior adesão em menor tempo da história - bom ressaltar que essa tecnologia não é tão nova, mas agora está disponível em larga escala para todos.

Falando da nova classe de modelos, GenAI - generative AI, ela vem hackeando a linguagem humana, através da criação de aplicações e da melhoria das formas de trabalho em tudo que envolve linguagem e conhecimento não estruturado. Dessa forma, pessoas que trabalham com conhecimento, geração de conteúdo, interação e comunicação vêm sofrendo uma grande transformação em seus ambientes de trabalho com essas aplicações crescendo e otimizando tarefas a cada dia. A inteligência artificial é versátil, podendo ajudar o trabalhador a entender aquilo que o cliente quer dizer, eliminar trabalhos manuais, acelerar processos criativos, processar volumes grandes de textos ou dados e, também, ajudar a interpretar e gerar insights. Por essa vastidão de usos, essa tecnologia está sendo comparada a eletricidade, que é de uso geral em diversas aplicações.

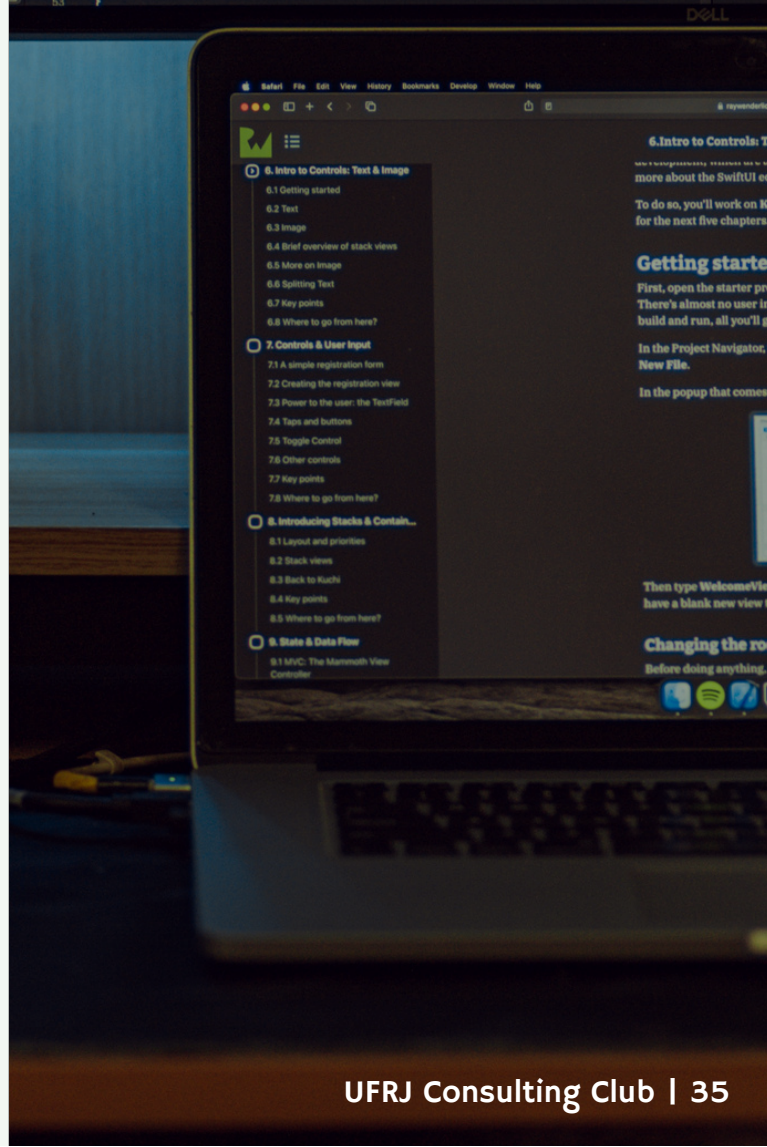
Falando de ameaças a empregos, acredito que o IA não vai substituir tantas posições diretamente, mas pessoas que usam IA vão substituir aquelas que não sabem usar. Por isso, o foco no ensino de Python, Machine Learning e Data Science são importantes para acompanhar essas mudanças e fazer com que as pessoas não se tornem obsoletas. Essa modelagem e conceitos serão básicos para o futuro do trabalho e manutenção da relevância no mundo empresarial. Tem um estudo do MIT que mostra que as pessoas trabalhando com IA fazem um trabalho de melhor qualidade, mais rápido e com um grau de satisfação maior.

```
SwiftCalc | iPhone 12
SwiftCalc | Build for Previous SwiftCalc: Succeeded | Yesterday

SwiftCalc | SwiftCalc | SwiftCalcViews.swift | AppDelegate.swift | DisplayView.swift | MemoryView.swift | SwiftCalc

SwiftCalc | SwiftCalcViews.swift | AppDelegate.swift | DisplayView.swift | MemoryView.swift | SwiftCalc

1 import SwiftUI
2
3 enum Operator {
4     case none
5     case add
6     case subtract
7     case multiply
8     case divide
9 }
10
11 extension View {
12     public func addButtonBorder<S>(<S>
13         _ content: S,
14         width: CGFloat = 1,
15         cornerRadius: CGFloat = 5
16     ) -> some View where S: ShapeStyle {
17         return overlay(RoundedRectangle(cornerRadius:
18             cornerRadius).strokeBorder(content, lineWidth: width))
19     }
20 }
21
22 struct CalcButtonStyle: ButtonStyle {
23     func makeBody(configuration: Configuration) -> some View {
24         configuration.label
25         .frame(width: 45, height: 45)
26         .addButtonBorder(Color.gray)
27         .background{
28             RadialGradient(
29                 gradient: Gradient(
30                     colors: [Color.white, Color.gray]
31                 ),
32                 center: .center,
33                 startRadius: 0,
34                 endRadius: 80
35             )
36         }
37     }
38 }
39
40 struct SwiftCalcView: View {
41     @State private var accumulator = 0.0
42     @State private var display = ""
43     @State private var memory = 0.0
44     @State private var pendingOperation: Operator = .none
45     @State private var displayChange = false
46
47     func addDisplayText(_ digit: String) {
48         if displayChange {
49             display = "\(digit)"
50             displayChange = false
51         } else {
52             display += digit
53         }
54     }
55 }
```



“A IA não vai substituir os indivíduos, mas vai substituir aqueles que não sabem usar IA”



Quais são os pontos positivos e também negativos da IA?

A tecnologia que vemos agora é só uma parte do potencial de IA. Outros casos de uso, modelos e algoritmos podem ser usados para melhorar muitas outras coisas, mas não estão sendo utilizados em grande escala pela população. Podemos ver aplicações como o AlphaFold no campo de pesquisa biológica, que reduz e economiza anos de estudo sobre estrutura de proteínas, acelerando resultados. Há muitos algoritmos especializados em tarefas que podem trazer grandes melhorias e acelerar produtividade em diversos campos.

Quando falamos de riscos, podemos falar de desafios para a utilização da IA. Há a questão do viés dos algoritmos utilizados para treinar máquinas por conta dos humanos que fazem esses códigos e geram esses dados. Isso se torna preocupante, haja vista a necessidade ética de tratar questões sociais e políticas de maneira imparcial. Por isso, os algoritmos precisam ter uma transparência grande para saber quais foram as decisões tomadas no treinamento dessas máquinas. Além disso, a transparência de saber que uma questão está sendo tratada por algoritmo e não uma pessoa. Quando conversamos com um chatbot de uma operadora de celular, sabemos que é um robô, entretanto em alguns meses podemos não perceber essa diferença e achar que é um humano. Outros pontos como a questão de privacidade, segurança e confidencialidade de dados são cruciais para serem tratados.

Por fim, veremos uma grande colaboração de homem e máquina, entretanto é necessário que haja a participação humana nesse processo, para se ter uma criatividade e um ser pensante, evitando dependência da inteligência artificial, o que pode acarretar na perda de capacidades de inovação.

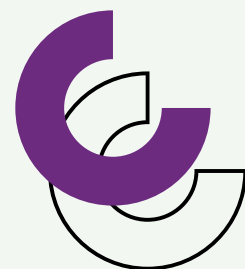
Como você aconselharia jovens estudantes e empreendedores no início de suas carreiras?

O que eu valorizo muito, e também é a temática principal da Visagio, é a obsessão por aprender. Tornem-se obcecados - acredito que essa palavra traz a energia correta e a ênfase que se deve dar - por aprender. Além disso, busquem se apaixonar por problemas que vão impactar o mundo de uma forma maior e relevante.

“Busquem se tornar obcecados por aprender”



UFRJ Consulting Club Destakes



CCTech

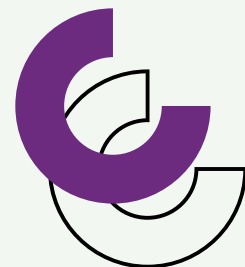
No último semestre, o UFRJ Consulting Club lançou a CCTech, primeira equipe de Advanced Analytics em um clube de consultoria do Brasil. Pedro Breves, Daniel Airão, Felipe Pontes e João Pedro Alves - da esquerda para a direita na foto - alcançaram um feito notável ao serem convidados pela Boston Consulting Group (BCG) para a primeira fase do BCG X Challenge. Neste desafio, os membros aplicaram seus conhecimentos em Ciências e Engenharia de Dados para auxiliar o Instituto Amigos do Bem na promoção da Transformação da Economia no Sertão Brasileiro.



Programa de Preparação

Nos últimos meses, foi realizada a 14ª edição do Programa de Preparação, curso que auxilia pessoas de todo Brasil a se prepararem para os processos seletivos de grandes firmas de consultoria como McKinsey, BCG, Bain, L.E.K. e Accenture. Nesta edição, o curso contou com 61 alunos que tiveram aulas sobre todas as etapas dos processos seletivos e um grande auxílio da equipe para alcançarem suas vagas nas firmas.

UFRJ Consulting Club Destakes



Consulting Experience

No último trimestre, a Equipe de Eventos do Consulting Club promoveu uma semana de palestras dentro da UFRJ. O objetivo era estabelecer conexões entre negócios, consultoria e empreendedorismo para os estudantes. Palestrantes e empresas renomadas, como Malu Borges, Coca-Cola Andina, EloGroup, McKinsey & Company e Livemode marcaram presença, enriquecendo o ambiente acadêmico.



Frente Voluntária

A Frente Voluntária é a equipe do UFRJ Consulting Club dedicada à realização de projetos com foco em causas sociais, ambientais e educacionais. Buscamos gerar impacto positivo em diversos segmentos da sociedade. Entre as iniciativas promovidas pela equipe, destacam-se a visita a casa de apoio a crianças com câncer, orfanatos, campanhas de doação de sangue, ações de limpeza nas praias e uma variedade de outras iniciativas.



Glossário

3 anos de implementação do Brexit: o retorno da burocracia

1 - **Referendo:** instrumento democrático utilizado quando os eleitores de um país são convocados para exporem sua opinião sobre uma ou mais questões relevantes de interesse nacional, por meio de voto direto e secreto. - [Página 04](#) ↑

2 - **VAT:** Value-added taxes ou, em tradução livre, Taxa de Valor Agregado, varia entre 16% e 25% dependendo da nação e são taxas aplicadas sobre os bens e serviços em circulação em um país. - [Página 05](#) ↑

3 - **Terra da Rainha:** termo amplamente utilizado para se referir ao Reino Unido, fazendo referência à ex-Rainha Elizabeth II, a qual governou a nação durante 70 anos. - [Página 06](#) ↑

4 - **G7:** abreviação de "grupo dos sete", composto por algumas das maiores e mais industrializadas economias do mundo. Como membros tem-se: Canadá, França, Alemanha, Itália, Japão, Reino Unido e Estados Unidos. - [Página 06](#) ↑

5 - **Terra do Novo Rei:** expressão para fazer referência ao novo Rei Charles III, que agora governa o Reino Unido no lugar de sua mãe, Rainha Elizabeth II. - [Página 08](#) ↑

Nova Rota da Seda: Iniciativa de expansão chinesa

1 - **Eurásia:** conjunto formado pelos continentes europeu asiático. - [Página 09](#) ↑

2 - **Império Bizantino Justiniano:** de 527 a 565, Justiniano governou o Império Bizantino, sendo marcado pelo esplendor na construção de palácios, aquedutos e a catedral de Santa Sofia. - [Página 09](#) ↑

3 - **Bicho-da-seda:** nome popular da espécie de inseto que produz os casulos utilizados na fabricação da seda para a confecção de tecidos. - [Página 09](#) ↑

4 - **República Popular:** a China é na verdade a República Popular da China desde 1949, fundada por Mao Tsé-Tung, líder do partido comunista após a Guerra Civil entre comunistas e o Partido nacionalista Kuomintang. - [Página 09](#) ↑

5 - **Parceria Transatlântica de Comércio e Investimento:** consiste na formação de uma zona de livre comércio entre os Estados Unidos e a União Europeia. - [Página 10](#) ↑

6 - **Zonas de livre comércio:** estabelece uma liberação substancial, ou até mesmo total, de barreiras comerciais, como tarifas, de bens comercializados. - [Página 12](#) ↑

7 - **Caxemira:** região que se tornou palco de inúmeros conflitos geopolíticos entre Índia e Paquistão por seus recursos hídricos. - [Página 13](#) ↑

8 - **OBOR:** expressão que remete à One Belt One Road. - [Página 13](#) ↑



Glossário

De protagonista a coadjuvante: a decadência da Nokia

1 - “**Jogo da cobrinha**”: forma como é conhecido no Brasil o jogo Snake, que se popularizou após ser introduzido para celulares Nokia em 1998. - [Página 14](#) ↑

2 - **Radiotransmissão**: transmissão de sinais em frequência de rádio, podendo ser usada para transportar uma elevada quantidade de informações para antenas de GPS, televisão e telefonia móvel. - [Página 14](#) ↑

3 - **GSM**: o sistema GSM (Global System for Mobile Communications) consiste em uma tecnologia que permite a troca de dados dos usuários por meio de telefones diferentes, além de propiciar um acesso mais rápido à internet. - [Página 15](#) ↑

4 - **Hardware**: representa os componentes físicos de um dispositivo tecnológico, incluindo todas as peças e os equipamentos necessários para fazer o aparelho funcionar. - [Página 16](#) ↑

5 - **Software**: conjunto de instruções - escritas em programas - a serem executadas por um dispositivo para realizarem determinada tarefa. - [Página 16](#) ↑

6 - **Sistema operacional**: conjunto de softwares responsáveis por gerenciar os recursos de um dispositivo, fornecendo uma interface entre o aparelho e o usuário. - [Página 16](#) ↑

7 - **Canibalizar**: comprometer a performance de um produto ou serviço em função da existência de outro com características semelhantes, na mesma empresa. - [Página 17](#) ↑

8 - **Rebranding**: estratégia de marketing que consiste na formulação de uma nova identidade visual para um produto, serviço, ou até mesmo uma marca. - [Página 18](#) ↑

Energia de fusão: um sonho ainda distante?

1 - **OPEP**: sigla para Organização dos Países Exportadores de Petróleo, cuja missão é coordenar e unificar as políticas de petróleo de seus países membros e garantir a estabilização dos mercados de petróleo. - [Página 20](#) ↑

2 - **Fissão**: processo no qual um núcleo atômico pesado e instável é bombardeado por nêutrons, produzindo dois núcleos menores, nêutrons e energia. - [Página 20](#) ↑

3 - **Isótopos**: São átomos do mesmo elemento químico com número diferente de nêutrons, ou seja, possuem o mesmo número de prótons, mas uma massa atômica diferente. - [Página 21](#) ↑

4 - **Plasma**: conhecido também como o 4º estado da matéria, ele é obtido a partir do superaquecimento de um gás. - [Página 21](#) ↑

5 - **M**: símbolo vindo do Sistema Internacional de Unidades (SI), que representa a escala de milhões. - [Página 21](#) ↑



Glossário

6- °C: símbolo vindo do Sistema Internacional de Unidades (SI), que representa a unidade de medida de temperatura graus Celsius - [Página 21](#) ↑

7 - J: símbolo vindo do Sistema Internacional de Unidades (SI), que representa a unidade de medida de energia Joule, equivalente a 0,24 calorias - [Página 21](#) ↑

8 - Deutério e trítio: são átomos de hidrogênio mais pesados. O deutério possui 1 nêutron e 1 próton e o trítio 2 nêutrons e 1 próton, enquanto o hidrogênio possui somente um próton. - [Página 22](#) ↑

9 - Hélio-3: isótopo do hélio. Ele possui 1 nêutron e 2 prótons, enquanto o hélio possui 2 prótons. - [Página 23](#) ↑

Japão: o lugar onde a falta de inflação é o problema

1 - Terra do sol nascente: o Japão é conhecido por esse nome pelo fato de se localizar ao leste, que é onde o sol nasce. - [Página 25](#) ↑

2 - Aliados: grupo vencedor da Segunda Guerra Mundial, sendo composto pelo Reino Unido, Estados Unidos, França e União Soviética. - [Página 25](#) ↑

3 - Produtos Nipônicos: relativo ou pertencente ao Japão. - [Página 26](#) ↑

4 - Bolhas econômicas: de maneira geral, toda bolha no mercado financeiro se forma a partir do momento que se paga um valor muito superior ao real preço de uma ação devido ao otimismo excessivo e a alta demanda que possui, elevando os preços. - [Página 26](#) ↑

5 - Lei da oferta e da procura: descoberta por Adam Smith, essa lei busca explicar o funcionamento do mercado. A lei diz que o que determina o preço de um produto é a quantidade disponível no mercado e a sua demanda. - [Página 26](#) ↑

Entrevista com Leonardo Machado

1 - COPPEAD-UFRJ: é o Instituto de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Localizada na Cidade Universitária, no Rio de Janeiro. - [Página 30](#) ↑

2 - Gaps: termo em inglês que significa “brecha” ou “lacuna”. Relacionado a espaços para melhoria em operações ou processos dentro das empresas. - [Página 33](#) ↑

3- spin-offs: entidades empresariais que se originam a partir de uma empresa-mãe (ou empresa matriz) por meio da separação de uma parte específica de suas operações, atividades ou unidades de negócios. - [Página 34](#) ↑



Créditos de imagem

3 anos de implementação do Brexit: o retorno da burocracia

- 1 - Andrewslockwood50 (2021). Pixabay: pixabay.com/photos/banksy-brexit-graffiti-mural-6111972/
- 2 - Stux (2019). Pixabay: <https://pixabay.com/pt/photos/brexit-eu-europa-reino-unido-4011711/>
- 3 - Fred Moon (2019). Unsplash: <https://unsplash.com/pt-br/fotografias/swJAV6imPm0>
- 4 - Alex Block (2017). Unsplash: <https://unsplash.com/pt-br/fotografias/jAj5yVH8Ooc>

Nova Rota da Seda: Iniciativa de expansão chinesa

- 1 - img.freepik.com/fotos-gratis/a-grande-muralha_1359-1016.jpg
- 2 - Li Yang (2016). Unsplash: https://unsplash.com/pt-br/fotografias/5h_dMuX_7RE
- 3 - Touann Gatouillat Vergos (2019). Unsplash: <https://unsplash.com/pt-br/fotografias/kmu4AjOBuHo>
- 4 - B Mat an gelo (2020). Unsplash: <https://unsplash.com/pt-br/fotografias/W-Lc86-nVIA>

De protagonista a coadjuvante: a decadência da Nokia

- 1 - Smith, Isaac (2019). Unsplash: unsplash.com/pt-br/fotografias/F5V6d7nPsLQ
- 2 - Vallat, Artiom (2021). Unsplash: unsplash.com/pt-br/fotografias/ipBFtdN5vVg
- 3 - Nilsson, Linus (2019). Unsplash: unsplash.com/pt-br/fotografias/WfKndo8Vv7w
- 4 - Czerwinski, Pawel (2018). Unsplash: unsplash.com/pt-br/fotografias/OVR5DOVnVEA

Energia de fusão: um sonho ainda distante?

- 1 - Nasa (2012). Unsplash: unsplash.com/photos/JHyiw_dpALk
- 2 - Wikimágenes (2012). Pixabay: pixabay.com/photos/sun-solar-flare-space-outer-space-11582/

Japão: o lugar onde a falta de inflação é o problema

- 1 - Melgoza, Jezael (2018). Unsplash: unsplash.com/pt-br/fotografias/aLY6_OpdwRQ?utm_source=unsplash&utm_medium=referral&utm_content=creditShareLink
- 2 - Loo, Ju (2021). Unsplash: unsplash.com/pt-br/fotografias/mwNkPv3d_EI
- 3 - Colton, Jones (2019). Unsplash: unsplash.com/pt-br/fotografias/_p8URGduyEg

Entrevista com Leonardo Machado

- 1 - Imagem conexãoUFRJ (2022). conexao.ufrj.br/2022/10/eleicoes-ufrj-2023-universidade-cria-comissao-coordenadora-da-pesquisa/
- 2 - Safarov, Safar (2021). Unsplash. unsplash.com/photos/koOdUvfGr4c
- 3 - ThisIsEngineering (2020). Unsplash. unsplash.com/photos/sbVu5zitZt0



Autores

LinkedIn

Millena Ribeiro: [linkedin.com/in/millena-simplício-ribeiro/](https://www.linkedin.com/in/millena-simplício-ribeiro/)

Felipe da Rocha: [linkedin.com/in/felipedarochaf](https://www.linkedin.com/in/felipedarochaf)

Rafael Afonso: [linkedin.com/in/rafaelalexandreafonso](https://www.linkedin.com/in/rafaelalexandreafonso)

Beatriz Salvador: [linkedin.com/in/beatriz5salvador](https://www.linkedin.com/in/beatriz5salvador)

João Pedro Antunes: [linkedin.com/in/joao-antunes28](https://www.linkedin.com/in/joao-antunes28)

Bibliografia

3 anos de implementação do Brexit: o retorno da burocracia

1 - GALLARDO, C. Brexit's finally done? Not yet. Disponível em: <<https://www.politico.com/newsletters/global-insider/2023/03/01/brexit-finally-done-not-yet-00084941>>. Acesso em: 1 abr. 2023.

2 - DE BOURBON, T. Trois ans après la sortie de l'Union européenne, c'est le temps des regrets pour une partie des Britanniques. Disponível em: <<https://www.lalibre.be/international/europe/2023/03/05/trois-ans-apres-la-sortie-de-lunion-europeenne-cest-le-temps-des-regrets-pour-une-partie-des-britanniques-ET7PQPOTVFDLQVPW43LECFWM/>>. Acesso em: 1 abr. 2023.

3 - RANDERSON, J. The UK needs truth and reconciliation to move past Brexit. Disponível em: <<https://www.politico.eu/article/the-uk-rishi-sunak-brexit-needs-truth-and-reconciliation-to-move-past/>>. Acesso em: 1 abr. 2023.

4 - Brexit going forward: Who are the winners and losers? | DW News. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BZGfDNLDzDI>>. Acesso em: 1 abr. 2023.

5 - Reino Unido e União Europeia fecham acordo, e saga do brexit chega ao fim depois de 4 anos. Disponível em: <<https://opopular.com.br/mundo/reino-unido-e-uni-o-europeia-fecham-acordo-e-saga-do-brexit-chega-ao-fim-depois-de-4-anos-1.2171031>>. Acesso em: 1 abr. 2023.

6 - THOMPSON, M. Com aumento no preço dos alimentos, inflação no Reino Unido supera 10%. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/economia/com-aumento-no-preco-dos-alimentos-inflacao-no-reino-unido-supera-10/>>. Acesso em: 1 abr. 2023.

7 - DAVID, D. Brexit: 3 anos após saída da UE, Reino Unido tem pior economia entre países ricos. Disponível em: <Inserir um subtítulo> BBC, 1 fev. 2023.



Bibliografia

8 - The Brexit effect: how leaving the EU hit the UK | Financial Times Film. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wO2lWmgEK1Y>>. Acesso em: 1 abr. 2023. How do people feel about Brexit three years on? - BBC Newsnight. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KloM9uVcIOY>>. Acesso em: 1 abr. 2023.

9 - Brexit two years later: Why the UK is struggling | DW News. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ElgE3Ccqdkw>>. Acesso em: 1 abr. 2023.

10 - PARTINGTON, R. The mini-budget that broke Britain - and Liz Truss. | The Guardian. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/business/2022/oct/20/the-mini-budget-that-broke-britain-and-liz-truss>>. Acesso em: 1 abr. 2023.

11 - How has Brexit affected business investment in the UK? Disponível em: <<https://www.economicsobservatory.com/how-has-brexit-affected-business-investment-in-the-uk>>. Acesso em: 1 abr. 2023.

12 - PARTINGTON, R. Why does the UK have highest inflation in G7 and is Brexit a factor? | The Guardian. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/business/2023/mar/22/uk-highest-inflation-g7-brexit>>. Acesso em: 1 abr. 2023.

13 - HENLEY, J. Brexit: thousands of Britons expelled from EU since end of transition period. | The Guardian. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/politics/2023/jan/06/brexit-thousands-britons-expelled-eu>>. Acesso em: 1 abr. 2023

14 - O'CARROLL, L. Shortfall of 330,000 workers in UK due to Brexit, say thinktanks. | The Guardian. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/politics/2023/jan/17/shortfall-of-330000-workers-in-uk-due-to-brexit-say-thinktanks>>. Acesso em: 1 abr. 2023

15 - BROOKS, L. Brexit trade deal “disastrous” for Scottish seed potato farmers, says Sturgeon. | The Guardian. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/politics/2020/dec/24/scottish-seed-potato-farmers-sold-out-in-brexit-deal-says-snp>>. Acesso em: 1 abr. 2023

Nova Rota da Seda: Iniciativa de expansão chinesa

1 - DA SILVA, M. L.; CORONEL, D. A.; DA SILVA, R. A. O impacto da Parceria Transatlântica de Comércio e Investimento (TTIP) para a economia brasileira. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/8011/1/PPE_v47_n01_Impacto.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2023.

2 - FIGUEIREDO, D. One Belt, One Road: entenda a Nova Rota da Seda chinesa! Disponível em: <<https://www.politize.com.br/nova-rota-da-seda-chinesa/>>. Acesso em: 28 mar. 2023.

FRAZÃO, D. Justiniano I. Disponível em: <<https://www.ebiografia.com/justiniano/>>. Acesso em: 28 mar. 2023.

3 - INFOPÉDIA. Rota da Seda. Disponível em: <[https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$rota-da-seda](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$rota-da-seda)>. Acesso em: 28 mar. 2023.



Bibliografia

- 4 - LOPES KOTZ, R.; RODA, A. N. A Nova Rota da Seda: a fundamentação geopolítica e as consequências estratégicas do projeto chinês. Disponível em: <http://www.erabedsul2017.abedef.org/resources/anais/8/1503106874_ARQUIVO_ArtigoERABEDSU-L-RicardoKOTZ.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2023.
- 5 - MARK, J. J. Rota da Seda. Enciclopédia da História Mundial, 2018.
- 6 - MAZZI, D. H.; FILHO, N. A.; WANG, W. O projeto da Nova Rota da Seda: uma possível reordenação dos fluxos comerciais internacionais. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/28535/3/ProjetoNovaRota.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2023.
- 7 - MENDONÇA, S. Rota da Seda, velha(s) e nova(s). Disponível em: <https://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/2964/1/3.12_SandroMendonca_RotaSeda.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2023.
- 8 - PAUTASSO, D. Dilemas e desafios da Nova Rota da Seda. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/geopoliticaeguerra/dilemas-e-desafios-da-nova-rota-da-seda/>>. Acesso em: 28 mar. 2023.

De protagonista a coadjuvante: a decadência da Nokia

- 1 - ARTUNI, Henrique. "Samsung Relembra as Dez Maiores Inovações Dos Celulares Galaxy Na Década." TudoCelular.com, 9 Fev. 2022, <https://www.tudocelular.com/mercado/noticias/n185991/samsung-relembra-as-dez-maiores-inovacoes-dos-galaxy-na-decada.html>. Acessado 4 Abr. 2023.
- 2 - BELIZÁRIO, Jefferson. "Nokia Volta a Crescer No Mercado de Smartphones Após Período de Estagnação." TudoCelular.com, 26 Mai 2021, www.tudocelular.com/mercado/noticias/n174948/nokia-vendas-voltam-a-subir-em-2021-.html#:~:text=A%20companhia%20tamb%C3%A9m%20vendeu%2011. Acessado 3 Abr. 2023.
- 3 - DANDIELO, Rafael. "As Decisões Estratégicas Que Causaram O Fracasso Da Nokia" LinkedIn.com, 2020, www.linkedin.com/pulse/decis%C3%B5es-estrat%C3%A9gicas-que-causaram-o-fracasso-da-nokia-dandielo/?originalSubdomain=pt. Acessado 7 Abr. 2023.
- 4 - GREGO, Maurício. "6 Erros Que Levaram a Nokia Da Glória à Decadência." Exame, 3 Set. 2013, <https://exame.com/tecnologia/6-erros-que-levaram-a-nokia-da-gloria-a-decadencia/>. Acessado 1 Abr. 2023.
- 5 - LEE, Dave. "Nokia: A Ascensão E Queda de Uma Gigante Dos Celulares." BBC News Brasil, 4 Set. 2013, www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/09/130904_ascencao_queda_nokia_an. Acessado 3 Abr. 2023.

Bibliografia

6 - LIRA, Vinicio. "O Que Aconteceu Com Os Celulares Nokia E Como Eles Voltaram Ao Mercado?" Promobit, 23 Jun 2020, www.promobit.com.br/blog/o-que-aconteceu-com-os-celulares-nokia-e-como-eles-voltaram-ao-mercado/. Acessado 4 Abr. 2023.

7 - MOTÉ, Wallace. "Nokia: Conheça Os Altos E Baixos Da Gigante Finlandesa Ao Longo de Sua História - TudoCelular.com." Www.tudocelular.com, 9 Out. 2014, www.tudocelular.com/nokia/noticias/n43579/nokia-historia.html. Acessado 8 Abr. 2023.

Energia de fusão: um sonho ainda distante?

1 - SUBRAMANIAM, T. Custos de energia podem levar 141 milhões à pobreza extrema no mundo, diz relatório. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/economia/custos-de-energia-podem-levar-141-milhoes-a-pobreza-extrema-no-mundo-diz-relatorio/>>. Acesso em: 24 mar. 2023.

2 - ZANATTA, P. Guerra, petróleo, alimentos e juros: relembre as principais crises econômicas de 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/economia/guerra-petroleo-alimentos-e-juros-relembre-as-principais-criSES-de-2022/>>. Acesso em: 24 mar. 2023.

3 - SACANI, S. Dia histórico!! Fusão nuclear funcionou!! Gerou mais energia do que consumiu!!! Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ffLcr7DrvKM>>. Acesso em 24 mar. 2023.

4 - SACANI, S. Energia via fusão nuclear pode ser realidade em 2036. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=raDr-xlSHIU>>. Acesso em 24 mar. 2023.

5 - ZAREMBA, H. The Race For Nuclear Fusion Is Going Private. Disponível em: <<https://oilprice.com/Energy/Energy-General/The-Race-For-Nuclear-Fusion-Is-Going-Private.html>>. Acesso em 24 mar. 2023.

6 - ZAREMBA, H. Why Nuclear Fusion Is Still The Holy Grail Of Clean Energy. Disponível em: <<https://oilprice.com/Alternative-Energy/Nuclear-Power/Why-Nuclear-Fusion-Is-Still-The-Holy-Grail-Of-Clean-Energy.html>>. Acesso em 24 mar. 2023.

7 - BROUGHEL, J. Fusion Is The Holy Grail Of Clean Energy, And It Just Made A Major Breakthrough. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/jamesbroughel/2022/12/16/fusion-is-the-holy-grail-of-clean-energy-and-it-just-made-a-major-breakthrough/?sh=776cf6e137bd>>. Acesso em 24 mar. 2023.

8 - PENEDO PONTES, P. Fusão nuclear e o futuro da energia limpa. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2022/12/22/fusao-nuclear-e-o-futuro-da-energia-limpa>>. Acesso em: 24 de março de 2023.

9 - PACHECO, D. "Combustível do futuro", hélio-3 é dez vezes mais comum na Terra do que se imaginava. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/combustivel-do-futuro-helio-3-e-dez-vezes-mais-comum-na-terra-do-que-se-imaginava/>> Acesso em: 24 mar. 2023.

Bibliografia

10 - REUTERS. Mundo vive “primeira crise de energia verdadeiramente global”, diz chefe da AIE. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/economia/mundo-vive-primeira-crise-de-energia-verdadeiramente-global-diz-chefe-da-aie/>>. Acesso em: 28 mar. 2023.

11 - IEA. Energy investment 2022. Disponível em: <<https://www.iea.org/reports/world-energy-investment-2022/overview-and-key-findings>>. Acesso em: 28 mar. 2023.

12 - DIETZ, M; LACIVITA, B; LEFEBVRE, A; OLYNYK, G. Will fusion energy help decarbonize the power system?. Disponível em: <<https://www.mckinsey.com/industries/electric-power-and-natural-gas/our-insights/will-fusion-energy-help-decarbonize-the-power-system>>. Acesso em: 28 mar. 2023.

13 - NOTO, A. Chevron, Amazon, Google Among The 5 Stock Plays For DOE's Breakthrough Fusion Tech. . Disponível em: <<https://www.benzinga.com/government/22/12/30064911/chevron-amazon-google-among-the-5-stock-plays-for-does-breakthrough-fusion-tech>>. Acesso em: 28 mar. 2023.

14 - PITCHBOOK. Helion Energy Overview. . Disponível em: <<https://pitchbook.com/profiles/company/65013-49#overview>>. Acesso em: 28 mar. 2023.

15 - ANDERSON, C. Helion Energy. Disponível em: <<https://research.contrary.com/reports/helion-energy>>. Acesso em: 4 abr. 2023.

Japão: o lugar onde a falta de inflação é o problema

1 - DESJARDINS, Jeff. Japan Officially Gets Leapfrogged by the Four Asian Tigers. Disponível em: <<https://www.visualcapitalist.com/japan-officially-gets-leapfrogged-by-the-four-asian-tigers/>>. Acesso em: 14 mar. de 2023.

2 - CRUZ, Natália. Tigres Asiáticos. Disponível em: <<https://querobolsa.com.br/enem/geografia/tigres-asiaticos>>. Acesso em: 21 mar. de 2023.

3 - ECONOMIA JAPONESA - BRASIL ESCOLA. Brasil Escola. YouTube. 10 abr. 2020. 10min17s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_qXmg9YYTIM>. Acesso em: 08 mar. de 2023.

4 - FERRARI, Hamilton. Inflação do Brasil é a 6ª menor do G20 em 2022. Disponível em: <[https://www.poder360.com.br/economia/inflacao-do-brasil-e-a-6a-menor-do-g20-em-2022/#:~:text=A%20taxa%20do%20Brasil%20fechou,França%20\(5%2C9%25\)](https://www.poder360.com.br/economia/inflacao-do-brasil-e-a-6a-menor-do-g20-em-2022/#:~:text=A%20taxa%20do%20Brasil%20fechou,França%20(5%2C9%25))>. Acesso em: 13 mar. de 2023.

5 - PENA, Rodolfo. Modelo japonês: ascensão e crise. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/modelo-japones-ascensao-crise.htm>>. Acesso em: 21 mar. de 2023.

6 - POR QUE A ECONOMIA DO JAPÃO ESTÁ ESTAGNADA? Razão Econômica. YouTube. 24 jan. 2022. 24min30s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xPOasE6jIs0>>. Acesso em: 10 mar. de 2023.

Bibliografia

7 - PLANO COLOMBO | GEOPOLÍTICA. Geografia Irada com Professor Marcelo. YouTube. 19 out. 2022. 5min45s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oZfno99oK_M>. Acesso em: 21 mar. de 2023.

8 - UM PAÍS ONDE OS PREÇOS SÓ CAEM? A ECONOMIA JAPONESA! Financeiro. YouTube. 11 ago. 2021. 8min06s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nmh-UUMWdDO>>. Acesso em: 08 mar. de 2023.

9 - WADA, Takahiko; KIHARA, Leika. Inflação ao consumidor no Japão atinge 4% em 2022, maior patamar em 41 anos. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/business/inflacao-ao-consumidor-no-japao-atinge-4-em-2022-maior-patamar-em-41-anos/#:~:text=Inflação%20ao%20consumidor%20no%20Japão,maior%20patamar%20em%2041%20anos>>. Acesso em: 13 mar. de 2023.





© UFRJ Consulting Club | 2023.2
Organização Estudantil - Prédio do Centro de Tecnologia - Bloco F -
Cidade Universitária - Rio de Janeiro - RJ
consultingclub@poli.ufrj.br
www.consultingclub.com.br